

OLÍMPIA-SP

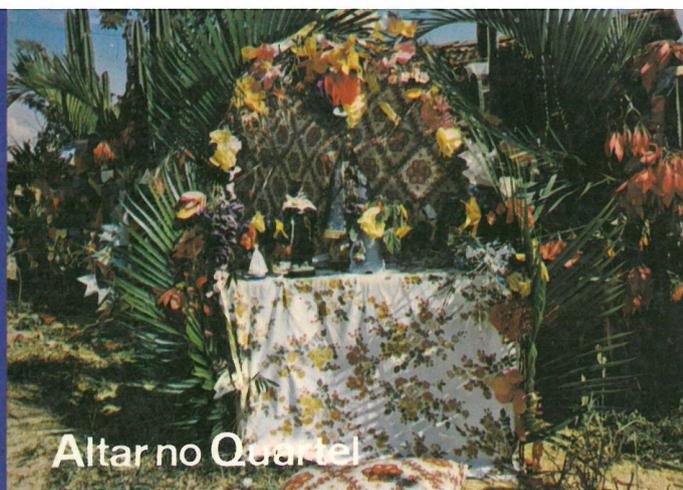
CAPITAL DO

FOLCLORE

ANUÁRIO/1978 — 13 A 20 DE AGOSTO 1978

TERNO DE MOÇAMBIQUE "SÃO BENEDITO" — JARDIM SANTA IFIGÊNIA — OLÍMPIA

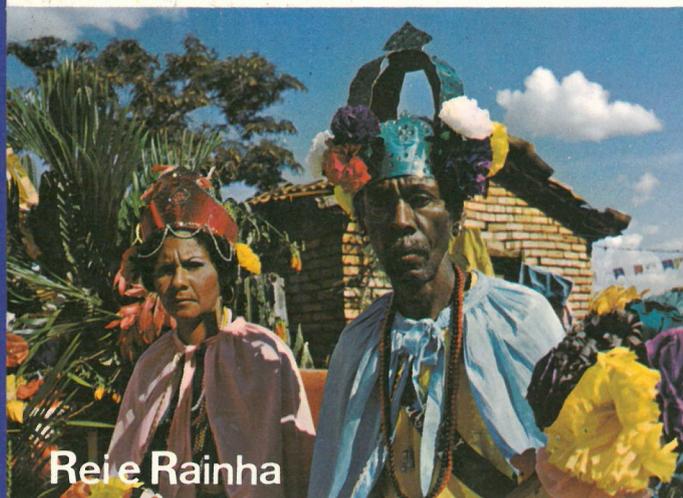
DIRETOR: PROF. JOSÉ SANT'ANNA



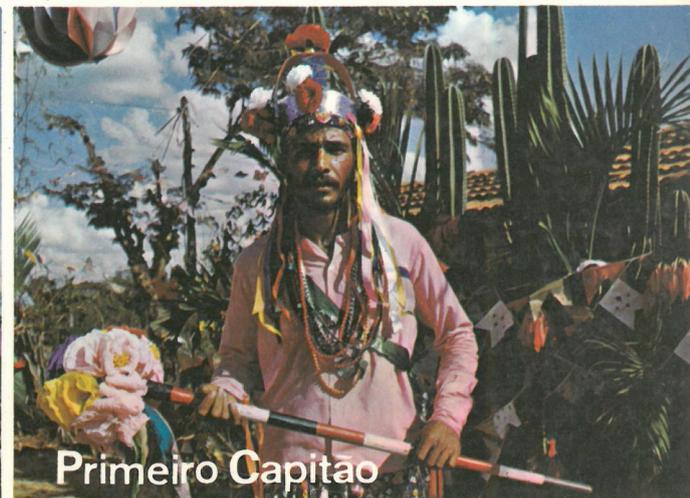
Altar no Quartel



Alferes e Bandeira



Rei e Rainha



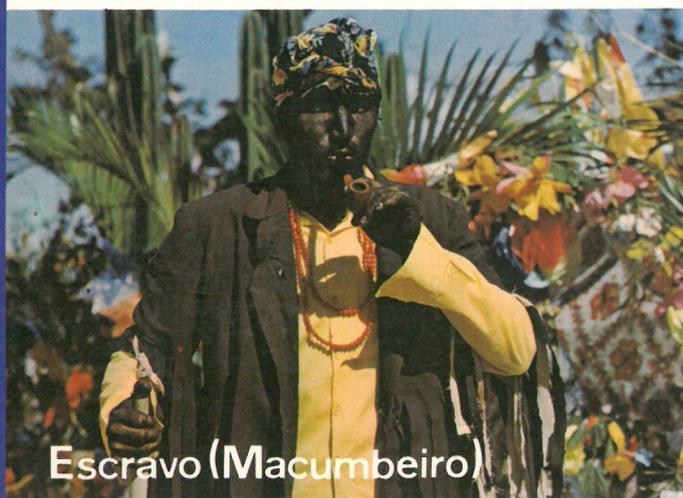
Primeiro Capitão



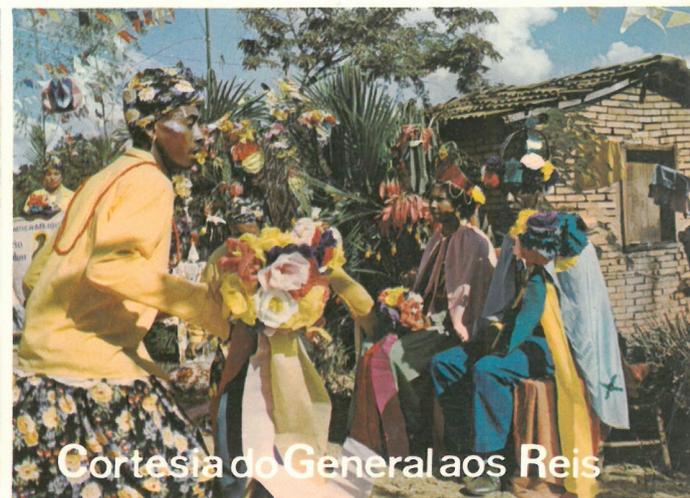
Instrumentistas



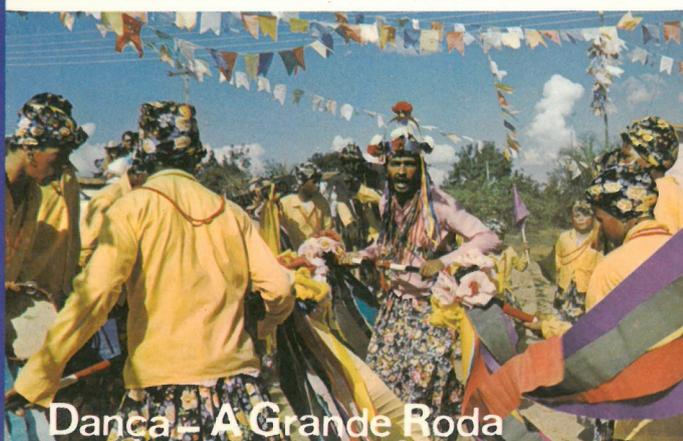
Gungas (Conguinhos)



Escravo (Macumbeiro)



Cortesia do General aos Reis



Dança - A Grande Roda



Louvação aos Padroeiros (Terço)

14º FESTIVAL DE FOLCLORE

JOSÉ SANT'ANNA

A alma humana não se fez para a destruição, mas para a felicidade, que só o grande amor imortal pode dar às criaturas.

O homem só é feliz nas horas de paz, horas em que sob seus tetos e dentro de suas almas não pairam as apreensões de calamidades que o afligem.

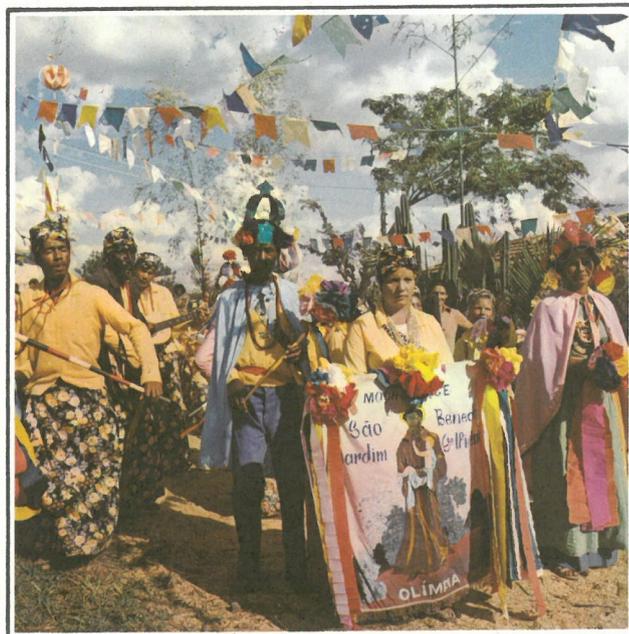
O Festival do Folclore, inebriado de amor, entretece a felicidade de todos, pondo a esperança no coração dos filhos, a alegria no coração dos pais, a ternura no egoísmo absorvente das mães, a harmonia e o bem-querer entre os casais; enfim, a amizade entre todos os seres humanos.

O Festival do Folclore é obra de amor. Para realizá-lo basta um simples ato de vontade, porém, com cuidado, persistência, decisão e espírito cheio de pensamentos estimulantes, esperançosos e otimistas. Uma coisa atrai outra semelhante. Os pensamentos dominantes no espírito anularão os de índole oposta. O otimismo neutralizará o pessimismo — a esperança, o desalento — a confiança, a inquietação — o amor, o ódio. O pensamento da verdade é oposto ao do erro — o da harmonia, ao da discórdia — o do bem ao do mal.

No Festival de Olímpia, o folclore se dispersa em todo o meio ambiente. Vibra em todos os matizes; ergue-se às frondes mais altas, para acordar a música de todos os ninhos. Agita todas as flores, para que as corolas espalhem sobre a cidade a fragrância deliciosa dos aromas que guardam. E passa por toda a parte: no céu e nas águas, nas serras, nos campos, na vaga que espuma a rolar. E tonto de luz, de música e aroma, entra em todos os lares para espargir a Paz e o Amor.

A Paz é a filha dileta do Amor e o Folclore é o filho dileto da Paz.

“Somente o estudo do folclore permite a união entre os povos, a se compreenderem através da música, do ritmo, da coreografia, da vestimenta, das comidas e bebidas, das suas diferentes e estranhas maneiras de orar, solicitando a paz, melhor relacionamento humano para uma compreensão mais cristã.”



TERNO DE MOÇAMBIQUE “SÃO BENEDITO”

Jardim Santa Ifigênia - Olímpia (SP)

MOÇAMBIQUE (com as variantes Maçambique ou Miçambique) é um folguedo folclórico, uma Embaixada mista (homens e mulheres), que bailam e cantam em louvor a São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Santa Ifigênia e Santa Isabel (a princesa libertadora). Os dançadores trajam saias compridas, bem ramadas e camisas de cor muito viva. É indispensável o uso de colares, brincos e pinturas. Usam também um turbante (fez) à moda africana. Dançam descalços, com exceção do rei e da rainha. A Embaixada, embora não possua Estatutos Escritos, obedece a uma hierarquia. Abaixo de São Benedito, principal padroeiro, desenhado no Estandarte (bandeira), carregada pelo **Alferes** (porta-estandarte ou porta-bandeira), a função mais importante é a do **Rei**, representado, geralmente, pelo mais velho. A seguir, a da **Rainha**. Depois o primeiro **Capitão**, que se traja um pouco diferente dos demais componentes do grupo, dono do apito e de um cetro ricamente enfeitado. Sucede-o o segundo **Capitão**. Os **Generais**, em número de dois, são responsáveis pela ordem da Embaixada. Estes também portam cetros enfeitados com flores e fitas. Excetuando-se os tocadores de instrumentos cordofones: rabeca, viola e violão; idiofones: chocalho grande, gungas, “pandangone” (lata redonda com chumbo) e membranofones: “bumba” e pandeiro, os demais elementos do grupo são chamados de **Soldados** e estes empunham bandeirolas de cores diversas. Outra figura de destaque na Irmandade é o **Escravo**, que desempenha o papel de macumbeiro, protegendo os dançadores contra todos os perigos.

Todos os integrantes do Moçambique, menos o Rei, a Rainha e o Alferes, amarram nas pernas, por baixo da saia, pequenos instrumentos feitos de latinha de massa de tomate, contendo chumbo até o meio, que são presos por uma correia e fivela. São dois ou três instrumentos para cada perna. Dão-lhes o nome de gungas, chocalhos ou conguintos e servem para dar som de destaque às danças.

À residência do primeiro capitão, local onde são guardados a bandeira, os instrumentos e uniformes da Companhia, dá-se o nome de **Quartel**.

Nossa Capa retrata os aspectos da Festa em homenagem aos Santos Padroeiros, colhidos no dia 13 de maio de 1978, na chegada ao Quartel do Capitão Adelis Paula dos Santos, no Jardim Santa Ifigênia.

José Sant'anna



EXPEDIENTE

OLÍMPIA - Capital do Folclore
14º FESTIVAL DO FOLCLORE
13 a 20 de Agosto de 1.978

ANUÁRIO

PUBLICAÇÃO DA COMISSÃO DE FOLCLORE
MUSEU DE HISTÓRIA E FOLCLORE “MARIA OLÍMPIA”
(Conselho Municipal de Cultura)

DEPARTAMENTO DE FOLCLORE
ENDEREÇO: Rua Bernardino de Campos, 900
Cx. Postal, 60 - CEP 15400 - OLÍMPIA - SP

Lay-Out : Ronaldo Luiz Benfatti e Silva
Fotos : José Carlos Jorge e Alvaro Bragion
Impressão : Artes Gráficas Rio Preto

Anuário do Folclore



14.º Festival do Folclore
13 a 20 de agosto de 1978

Departamento de Folclore - Olímpia
Comissão de Folclore - Olímpia
Museu de História e Folclore "Maria Olímpia"

Ano VIII
19 de agosto de 1979
N.º 9

Sumário

Metodologia em Folclore
(Renato Almeida)

Aos Professores
(Laura Della Mônica)

Linguagem Criptológica
(José Sant'anna)

O Folclore na Explosão dos Visuais
(Maurício César Alves Pereira)

Epitáfios
(Afonso Calixtro)

O que já ouvi no Primeiro do Ano
(Antonio Clemêncio da Silva)

O Museu de História e Folclore
(Rothschild Mathias Netto)

Noticiário

Expediente

Rua Jorge Tibiriçá, 420

Caixa Postal 30

15 400 - Olímpia - SP

Diretor: Prof. José Sant'anna

Auxiliar: Antônio Clemêncio da Silva

Todo trabalho da redação
assinado é de total
responsabilidade do autor

Composto, diagramado, revisado e impresso

ROSSI - Artes Gráficas

Rua Síria, 391 - Telefone 81-1205 - Caixa Postal 357

Patrimônio de São João Batista

15 400

—:—

O L Í M P I A

—:—

Estado de São Paulo

14.o Festival do Folclore de Olímpia, em 1978, objetiva:

- a) Comemorar o Mês do Folclore e incentivar os grupos folclóricos;
- b) Difundir o folclore, contribuindo para sua preservação;
- c) Fortalecer a consciência e a unidade nacional;
- d) Acolher como colaboradores pessoas interessadas no estudo do folclore;
- e) Contribuir para o conhecimento das culturas do Brasil; com seus costumes, lendas, crenças, música, dança, folguedos, medicina caseira e teológica, brinquedos da lúdica infantil, cozinha regional, modismos lingüísticos, arte e artesanato.

13.^a Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis

Objetivo principal — proporcionar à criança situações de ENCONTRO: consigo mesmas, com outras crianças, com adultos, com outros grupos, com o bairro, com a rua e com o município.

Pau-de-sebo, Pega-porco, Corrida do carrinho de rolemã, Estilingue, Corrida da perna-de-pau, Jogo de bolinha (gude ou biroca), Corrida do saco, Pião (jogo da cela), Corrida-do-arco, Jogo da amarelinha, Pular corda, Pôr-orabo-no-burro, Jogo de bétia, Corrida-do-ovo-na-colher, Quebra-pote, Égua-de-pau, Briga-do-sabugo, Soltar papagaio.

Concursos Literários e Artísticos

- Concurso Folclore Brasileiro — Prêmio «Dr. Salviano Pinto»;
- Concurso Folclore/1978;
- 12º Torneio Cultural Folclórico;
- 9º Maratona Intelectual Folclórica;
- 4º Concurso-Painéis com Figuras Folclóricas — Prêmio Oswald de Andrade Filho»;
- 3º Concurso-Quadros Folclóricos;
- 3º Concurso-Artes Fotográficas Sobre Folclore;

10º Festival da Seresta

Objetivo: Cantar no presente, revivendo o passado, conservando as tradições. Reviver uma saudade, saudade que tenha idade do amor, enlevo dos que amam, descuidados das horas que passam.

7.º Campeonato de Truco

Objetivo: Direito à recreação e ao lazer, trilhando um caminho certo das mais lídimas manifestações da tradição de nossa gente.

5.º Campeonato de Malha

Objetivo: Dar oportunidade aos praticantes dessa modalidade esportiva, dando-lhe caráter popular, incentivo e difusão de sua prática, bem como ampliar o campo de participação do homem na área do lazer.

GRUPOS FOLCLÓRICOS

Estado da Bahia

Roda de São Gonçalo (Juazeiro)

Estado do Maranhão

Bumba-Meu-Boi (São Luís)

Estado do Pará

Batuque. Chote. Dança do Carimbó. Dança do Retumbão. Dança dos Vaqueiros. Chula. (Belém)

Estado de Minas Gerais:

Caiapó (Cabo Verde) / Congada (Pratápolis) / Congo (Santo Tomás de Aquino) / Congado (S. Sebastião do Paraíso) / Congada e Moçambique (Uberlândia).

Estado de São Paulo:

Barretos: Esquadrão de Catira «25 de Agosto» e Guarda de Vilão. / Bebedouro: Folia de Reis e Presépio Vivo «Irmandade de Santos Reis». / Campinas: Pastoria do Menino Jesus / Catanduva: Bonecões. / Capão Bonito: Fandango de Tamanco. / Capela do Alto: Fandango de Chilenas. / Capivari: Batuque. / Carapicuíba: Reisado Alagoano. / Cunha: Jongo. / Guaraci: Folia do Divino. / Guarujá: Reisado Sergipano. / Içém: Candomblé. / Itapetininga: Bugrada. / Mauá: Samba-Lenço / Santo Antônio da Alegria: Congada «João Paivinha» e Congada «Benedito Paulino». / São José do Rio Pardo: Caiapó. / São Paulo: Guarda de Vilão de Forquilha. / Tatuí: Cordão de Bichos. / Taubaté: Moçambique.

OLÍMPIA:

Capoeira do Mestre Antônio Ambrósio/Carro da Benzedeira Judite B. de Carvalho/Dança de São Gonçalo — Fazenda Corredeira/Esquadrão de Cateretê — Bairro da Água Parada/Folia do Divino Espírito Santo — Família Miranda/Maculelê do Mestre Antônio Ambrósio/Congada «Chapéu de Fitas» — Jardim Santa Ifigênia/Moçambique «São Benedito» — Jardim Santa Ifigênia/FOLIAS DE REIS: Batista e Santos — Vila São José/ Cardoso, Fernandes e Garcia — Jardim Paulista/Santos — Jardim Santa Ifigênia/ Gomes — Bairro da Água Parada.

ESPETÁCULO COLORIDO E MOVIMENTADO DO FOLCLORE.

EXTRAPROGRAMA

DIA 22 (terça-feira) — DIA DO FOLCLORE

20 horas: Lançamento da série «Folclore Brasileiro» com três selos retratando instrumentos musicais folclóricos (viola, pífaro e berimbau) com carimbo de primeiro dia de circulação. Encerramento da Exposição com a apresentação de grupo de violeiros, grupo de tocadores de pífaro e grupo de tocadores de berimbau.

PROMOÇÃO:

Secretaria de Estado dos Negócios da Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo de São Paulo e Prefeitura Municipal de Olímpia.

COLABORAÇÃO:

Esportes Secretaria de Estado dos Negócios dos e Turismo do Governo de São Paulo.

Trabalho. Secretaria de Estado dos Negócios do

Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro — FUNARTE.

Patrono do Festival: Iemanjá.

METODOLOGIA EM FOLCLORE. A INVESTIGAÇÃO FOLCLÓRICA.

COLETA, LEVANTAMENTO E PESQUISA. OBSERVAÇÃO. INQUÉRITO. ENTREVISTA.

PROF. RENATO ALMEIDA

Estando o folclore, como vimos, dentro do quadro das ciências antropológicas e com ligações íntimas com várias ciências, o método de investigação de seus fatos deverá abranger a totalidade do fenômeno, ou uma de suas faces, conforme for a orientação seguida.

Muitos estudiosos aplicam o método histórico e a Escola Finlandesa, na pesquisa dos contos, adotou o método histórico-cultural. Outros o fazem dentro dos métodos sociológicos, por se interessarem simplesmente pelos aspectos do comportamento da coletividade nas suas manifestações folclóricas. Outros ainda visam apenas ao lado psicológico, a fim de espelhar, no fato folclórico, a psicologia coletiva. Há os que buscam métodos estéticos, mas o fato folclórico devendo ser visto como um todo a sua realidade só se terá pela aplicação dos métodos antropológicos e culturalistas, como recomenda a Carta do Folclore Brasileiro, naturalmente com a atenção devida a determinadas explicações que só terão com o emprego de métodos atinentes a ciências afins. E ainda utilizando métodos auxiliares, como o estatístico, de particular interesse.

Não creio que se possa falar de um método folclórico, mesmo de caráter eclético. Ele deve utilizar elementos de vários outros, científicos, literários e artísticos, para a prospecção de seus fatos, que abrangem múltiplas formas do comportamento humano, pois o Folclore, como disse o folclorista alemão Richard Weiss é «uma ciência de relação não só pela sua matéria mas também pelo seu método». Devemos nós, folcloristas, como aconselha Kaarle Krohn, nos dedicar a investigações microscópicas a fim de chegar a conclusões que correspondam aos fatos. «O folclorista se aproxima do povo e chega a compreender e a precisar não só a sua própria nação, mas também a humanidade em geral no mais profundo de sua alma e no mais remoto de seu passado». Essa a complexidade e vastidão do significado do fato folclórico, cuja metodologia é uma concreção de métodos, criando contudo processos peculiares, porque os fenômenos devem ser vistos sempre, qualquer que seja o método empregado, pelo ângulo folclórico, isto é, para determinar as maneiras de pensar, sentir e agir das camadas populares e dos primitivos.

A investigação folclórica se pode fazer através da Coleta, do Levantamento e da Pesquisa. Coleta quando quisermos conhecer seja a localização de fatos, seja obter objetos, seja reunir material de estudo. É uma fase preliminar da Pesquisa. Queremos, p. ex., estudar as danças de Pernambuco. Fazemos uma coleta para saber quais são as danças do Estado, suas formas e onde se en-

contram. Podemos fazer também para saber qual a cerâmica folclórica que lá se fabrica e onde se localizam os ceramistas e reunir um número de peças específicas. A coleta pode ser para saber apenas onde se fabricam bonecos. E assim por diante. Levantamento é quando procedemos para conhecer quais os fatos folclóricos, de várias espécies ou de uma só espécie, que se encontram numa dada região. Por exemplo, podemos fazer um levantamento de todo o folclore pernambucano, ou de uma parte, onde são os centros do artesanato da cestaria, ou onde se dança a ciranda. Essas duas fases da investigação podem valer por si ou servirem de base à pesquisa, quando depois dos informes que nos fornecem, vamos então conhecer os fatos em toda as suas modalidades, verificar sua morfologia e sua dinâmica, bem como as projeções que possuem. Essa parte cabe aos técnicos e tem de iniciar-se em campo e concluir-se em gabinete onde se formularão as conclusões. A pesquisa pode ser também de gabinete apenas, quando de ordem bibliográfica. Fazer por exemplo uma pesquisa dos autores que investigaram e estudaram os mitos e tirar as conclusões gerais, através das parciais de cada qual. Ou pode ser de natureza informativa, conhecer a bibliografia do mito de Jurupari ou dos contos amazônicos.

As formas empregadas para investigação são, em primeiro lugar, a observação, em que o investigador veja, descreva e indique o que viu e ouviu. Esse registro pode ser manual, copiando textos e anotando cantos, descrevendo danças, pertences, cenas, desenhando objetos de tipos. E pode ser mecânica, filmando, fotografando ou registrando em disco, fio ou fita, forma sempre mais aconselhável. O registro mecânico, contudo, deve ser acompanhado do manual, para cotejos posteriores, pois diferenças de voltagens e desarranjos de aparelhos podem determinar retificações a fazer.

A observação pessoal é fundamental, sobretudo em folclore, porque não basta o registro técnico por perfeito que seja, é necessário observar a parte viva do folclore, que a mecânica não pode revelar. Por exemplo, podemos registrar uma história, de forma perfeita, mas não daremos nunca o estilo pessoal do contador, a sua emoção ao fazê-lo, os destaques mímicos, em suma, a alma com que a conta. Da mesma forma, a reação da assistência como a ouve, o que mais a impressiona, os comentários que fazem e assim por diante. Tanto que a forma mais recomendável é a observação participante, na qual o observador toma parte na demonstração a que assiste, canta, dança, reza, trabalha, como se pertencesse ao grupo. Não é coisa fácil, porque essa participação não depende apenas do

observador, depende do grupo aceitá-la e a sua frente portar-se normalmente como se ele nem ali estivesse. No conselho de Pauline V. Young: "acostumar o grupo com o observador até que o ocoite cordialmente e o incorpore mais ou menos como seu membro. Consegue assim uma aproximação, indispensável quase para estudos de casos mais íntimos e entrevistas a serem efetuadas posteriormente".

Numa gente do povo, como a nossa, desconfiada e arredia, esse processo é eivado de dificuldades. Em toda observação direta, na participante ainda mais, o papel do observador será extremamente discreto: ouvir sempre, anotar com segurança, mostrar um interesse humano, conter qualquer manifestação que possa parecer zombaria, mesmo quando de entusiasmo, recordando-se sempre de estar tratando com gente desconfiada. Os de temperamento extrovertido são em geral maus pesquisadores. Um sentido de equilíbrio se torna necessário, pois o folclorista não se deve esquecer nunca de que não é um simples registrador de fatos, é sobretudo um psicólogo. Alan Lomax acha, por ser o folclore um veículo de emoções humanas, que nossas relações com seu material não devem ser apenas as de um observador participante, mas de um participante ativo, a fim de verificar a densidade de seus acentos emocionantes. Assim é preciso constatar o meio com aspecto dos fatos a serem analisados nos seus fatores culturais e nas suas serventias funcionais. Porque participar da observação de um fato folclórico significa tomar parte na função, conhecer bem o ambiente e o comportamento do grupo onde aparece, observar os figurantes e os assistentes, conversar com os mais velhos e as crianças para estudar a continuidade e verificar as atividades psicológicas. A visão deve ser sintética, acurada porém a análise dos elementos convergentes.

O **inquérito** é uma forma precária de investigação. Consiste em enviar a determinadas pessoas um questionário sobre um ou vários fatos folclóricos, indagando a respeito do mesmo, na cidade, região ou Estado. Por exemplo, quero saber onde há xangôs em Pernambuco. Escrevo a pessoas de várias cidades e localidades do Estado, que sejam capazes de informar, perguntando, de uma forma simples, a respeito. Esse processo rende muito pouco, raras são as respostas recebidas. Se o questionário for longo e complicado, então tudo estará perdido. Deve ser muito simples e fácil de responder; se conseguir um número razoável de respostas será um começo de trabalho, mas devo confessar meu ceticismo na matéria.

A **entrevista** é talvez a forma mais importante da pesquisa folclórica ao lado da observação, que aliás nela também é importante. Consiste em conversar com um portador de folclore para conhecer determinados fatos. Antes de tudo, é preciso muito cuidado, saber inquerir, captar a confiança do entrevistado, não inibi-lo com perguntas complicadas e convencê-lo que estamos interessados no assunto, não para obter informações que possam

prejudicá-lo (isso tem muita importância nos inquéritos sobre assuntos relacionados com a magia, como cultos, medicina folclórica, etc.) e sim para fins elevados, que lhe serão explicados conforme seu nível mental. As cautelas devem ir do modo de vestir-se até à entonação da voz. Não rir de nada, não zombar, não fazer perguntas de escrivão, não insistir em demasia. Quando notar que está se contradizendo, devemos renovar a pergunta, sem que pressinta. Nunca nos mostrarmos entendidos, nem lhe dizer que ouvimos de outra forma. Nunca perguntar se isso é assim, mas como é isso? Não insinuar respostas. Não retardar demais a conversa, nem ser insistente. Muita coisa haveria de recomendar, mas são qualidades que dependem de vocação. Quem não for muito paciente e não tiver enorme indulgência com o povo, quem não possuir uma extrema doçura em tratá-lo, então estará fadado a falhar inteiramente. Devemos ter em vista o temperamento do entrevistado que nos orientará na maneira de conduzir a entrevista. Assim, se se tratar de um vacilante é preciso perder muito tempo; de um obtuso, é necessário uma paciência inesgotável; de hostil, devemos testar-lhe as reações negativas; e de um gabola, estimular sua exuberância e variar as perguntas para melhor controle.

Quando a pesquisa é feita em equipe, e são estas as mais eficientes, há sempre um chefe, que orienta o serviço e coordena as atividades.

Não se deve nunca pagar o informante, o que não impede de se lhe dar dinheiro, mas como presente pessoal, para comprar uma lembrança, para tomar cerveja ou para cigarros, etc. Mas o que lhe der deve ser por amizade, ajuntando que nada tem com que nos está contando. No caso porém de precisarmos ouvir assalariados, tirando-os do trabalho, é preciso indenizá-los.

A indenização do informante é muito necessária, não numa forma perfeita, mas que nos dê elementos supletivos para a própria informação. Saber de onde é o indivíduo, se faz determinada coisa aprendida ali, desde criança ou mais tarde. Se aprendeu com gente de fora. Quando casado, se trabalha com a família (esse ponto é muito importante na pesquisa de artesanatos e de folguedos) e a idade. Não os anos que tem, mas se é menino, jovem, meia idade ou velho, porque através desse dado verificaremos a continuidade dos fenômenos. A profissão, a fim de verificar se tem ligações com as atividades folclóricas de que se ocupa.

Muito importante é recolher tudo. O pesquisador não pode considerar coisa alguma de somenos, porque pormenores há que estão densos de sugestões e nos abrem caminhos numerosos para outras investigações. E recolher também o maior número de variantes dos fatos pesquisados. Não se devem registrar variantes e depois compor um todo, mas dar cada variante de per si. Recomendava Kaarl Krohn: mais vale um estudo com cem variantes de um só lugar, do que cem variantes de cem lugares.

Deixo de mencionar aqui as formas de técnica de pesquisa em equipe, não só porque o tempo me é por demais escasso, como ainda porque para as equipes são convocadas, via de regra, técnicos, com estudos da matéria, e as instruções esclarecem, para cada caso, o modo de proceder.

Por fim, minha última recomendação a quantos assistiram a este Curso — o Folclore, dizia Saintyves, é uma disciplina de amor, portanto quem não for capaz de ter pela gente do povo e pelos primitivos essa ternura imensa que sua vida simples e rudimentar nos deve inspirar, não encontrará horizontes para o estudo e muito menos para pesquisa do Folclore.

AOS PROFESSORES

Prof.^a Laura Della Mônica
(Comissão Paulista de Folclore)

Prepare seus alunos para as comemorações do MÊS DO FOLCLORE, mas comece hoje mesmo, não deixe para a última hora. Tarefa apressada não dá bom resultado. Todo e qualquer levantamento de dados, pesquisas requer tempo, paciência, persistência. NÃO IMPROVISE. PROGRAME! Ele, o FOLCLORE deve ser estudado, estruturado num programa bem feito, coerente.

Quantas vezes vi a Discoteca Municipal, onde dona Cármen Martins é a diretora, abarrotada de alunos, com o "problema do mês de agosto". Você sabe que o mês de agosto é o mês do desgosto para os alunos? Eles não estão preparados para cumprir o Decreto. O pior é que leva a família também a participar do problema. Pais de alunos chegam a pagar qualquer importância, uma vez que a pessoa faça a tarefa que você professor, exigiu.

Pense, pense um pouco nos temas solicitados. Os alunos devem aproveitar o seu estudo, PESQUISANDO FOLCLORE e aplicá-lo à sua disciplina. Não exija mais do que ele pode dar. Não exija o copiar de páginas e páginas nas salas-de-leitura da Biblioteca Municipal ou da Discoteca. Não exija corridas nem o rasgar e recortar de material pouco ou nada aproveitável. O xerox não resolve e, na maioria das vezes, agrava o problema.

Muitos dos alunos, mais tarde, não vão querer «saber» do Folclore porque você não soube incentivá-los a amar e entender a sabedoria popular, e sua própria vida — HOJE — na comunidade... e ainda mais, o filho desse aluno irá ficar com a herança negativa de Folclore.

A Escola possui mural, jornalzinho, sala de exposição, quadra de esporte. Aproveite como atividade extracurricular. Cuidado com o material para a exposição. Bugigangas e velharias não representam fatos folclóricos. Nem sempre um pilão para ser fato folclórico precisa ser velho ou novo; depende de quem o fez. Respeite as peças de museu e não confunda com as outras.

Muito de aproveitamento folclórico nada tem com o Folclore.

As Casas Comerciais abusam do direito de «sugerir decorações».

O pilão novo fica velho à força só para dizer que é fato folclórico e vendido como autêntico. Os pintores-artistas usando do tema folclórico perdem-se nos detalhes. Nas represen-

tações de Candomblé, tema tão repetido, o orixá Xangô está com as armas de Iansã e as cores, nem de longe, têm de semelhança de um ou de outro. As Congadas Mineiras com vestimentas de Cavalhadas ou Folias de Reis. O pior é que está escrito e descrito pelo «autor-artista» dizendo que é fato folclórico.

Folclore é moda no mês de agosto! Todos usam e nem sabem por quê. Se você conhece seus alunos, sabe muito bem que eles representam matéria plasmável. Pode transformá-los de heróis a monstros. Tente incentivá-los. Mostre-lhes o valor do Folclore para o conhecimento da História; o valor cívico no respeito e amor às nossas coisas, à nossa gente.

Visite o bairro onde mora. Sempre há igreja, capela com santos, suas festas e quermesses. Há feiras e mercados, vendedores ambulantes, tipos populares, crianças brincando periodicamente de amarelinha ou sapata, empinando papagaio ou jogando bolinha-de-gude.

No Mercado Municipal da Penha, aqui em São Paulo, sempre aos domingos, há um vendedor de papa-vento e na Semana da Pátria ele costuma fazê-lo nas cores da nossa Bandeira. São lindos!

Observe os feirantes. Geralmente têm, na sua banca, ramos de alecrim, de arruda, quando não os têm atrás da orelha. Há banca de raizeiro. Procure saber de que região brasileira é ele. Por que está ali, vendendo. O valor terapêutico das plantas e objetos expostos. Geralmente ele é contador de histórias. É ambulante e conhece, como menestrel do nosso século, muita coisa que viu e ouviu.

Quem visita a Feira da Breganha, em Taubaté, aos domingos de manhã poderá observar que ao redor há grande quantidade de artesanato em fibra vegetal: cesta, peneira, balaio, covo, esteira e gaiolas de todo tipo, tamanho e cores.

Em Olímpia há grande quantidade de artesanato de fibra e poderá verificar a extraordinária arte em trançado de palha de milho que dona Francisca Porto Bôni usa para confeccionar o presépio.

Estude os regionalismos e sua semântica. Tenho um exemplo a lhe dar. Estava eu numa cidade do Piauí e ao oferecer uma flor a certa senhora de idade, com um sorriso franco,

disse-lhe: «Esta flor é para a senhora. Coloque-a no VASO». Pois é, a senhora «fechou a cara». Mais tarde fiquei sabendo que deveria dizer: «Coloque-a no JARRO.»

Patrocínio Paulista, Franca, Santo Antônio da Alegria são grandes centros de colcha-de-tear. Apiaí faz muitos potes, jarras, moringas, principalmente cozidas no forno de barranco. No Vale do Paraíba poderá visitar, a qualquer hora, os simpáticos artistas do barro: «Seu» Benedito e dona Maria, dona Idalina, e as tão conhecidas «Três Irmãs» em Taubaté e dona Eugênia em São José dos Campos — fazendo peças ornamentais durante o ano todo e, especialmente religiosas durante o período natalino.

Se morar fora de São Paulo, lembre-se do vale do Jequitinhonha e não podendo chegar até lá vá visitar o Palácio das Artes, em Belo Horizonte e encontrará a grande amostragem. A visita é obrigatória não somente para admirar as belezas das alterosas mas também estudá-las para dar uma boa aula. Faça Turismo, estudando a cultura brasileira.

Em Goiás estão as poteiras que poderão dar informações, ou ainda conversar com a Regina Lacerda, conhecedora do folclore daquele Estado. E quando for a Pernambuco, Ceará, Sergipe verá que todo-o-mundo é artista verdadeiro do barro, da madeira e das areias. Nos mercados, geralmente encontrará tudo, mas se for bom professor saberá muito bem como encontrar os folcs.

Para se ver o belo artesanato de Mato Grosso é mais fácil ir a Cuiabá onde pessoas interessadas estão estudando, com vontade, os fatos folclóricos da região.

É só não ter preguiça para transmitir

o que sabe... e se não sabe, peça aos alunos que o auxiliem. Não se envergonhe por isso. Que mal há?

Saiba preparar os alunos, mas para isso você precisa estar bem informado e seguro. Não se esqueça de fazer seu fichário.

Dê aos alunos, em pequenas doses, o gosto de saborear Folclore. Gostar de Folclore é gostar do seu semelhante; apreciar as artes e técnicas populares, admirar os usos e costumes e transmitir a outrem o seu valor nacional.

O respeito aos símbolos da Pátria é uma demonstração de civismo e, moçambiqueiros, congadeiros e dançadores de caiapó são vistos constantemente com as cores verde-amarela, com a bandeira nacional bordada no bibi.

Em São Paulo você poderá falar com Moisés Garaboska, responsável pelo setor de Filatelia da Folha da Tarde e estudar, com ele, a importância da divulgação do Folclore através de selos, ou então com o professor Édén Eduardo Pereira e professor Rothschild Mathias Netto, de Olímpia quando tratar de Pedagogia e Filatelia.

Por favor, nas festas de São João, cuidado com as “fantasias”. Não exagere nos enfeites. Não coloque remendos nas calças dos dançadores de quadrilha, nem remendos de florzinha e, muito menos em lugares impróprios. O desdentado não é característica do caipira paulista. Por favor, não desfie o chapéu de palha. Ninguém vai à festa com chapéu estragado. Não ridicularize meu caipira, meu capiau. Respeite, como o sul-riograndense faz — o seu gaúcho, ou o nordestino — o cabra da peste.

Ah! prepara-se para ter um audiovisual, ele facilitará grandemente as aulas.

FOLCLORE VERBAL

LINGUAGEM CRIPTOLÓGICA

José Sant'anna

(Presidente da Comissão de Folclore - Olímpia)

A palavra é o mais notável privilégio do homem e se transmite de geração a geração, alterando-se, mas conservando o seu sentido original.

Para que se crie uma linguagem, a vida social é absolutamente necessária.

O homem é dotado da faculdade de linguagem, isto é, da comunicação de seus pensamentos.

Falando, nós podemos fazer com que o nosso interlocutor nos entenda a mensagem. Nossa língua tem sons característicos, seus gestos e seus artifícios de linguagem. A linguagem é exercida, principalmente, pelos sons da voz humana.

A Linguagem Criptológica (Conversa Criptológica, Idioma Criptofônico ou Falar em Língua) é tradição popular e lembra costumes da coletividade infanto-juvenil de épocas remotas que persistem até hoje. É convencional e resulta de um prévio entendimento e conhecimento de seus adeptos.

Sua fonte natural é o povo que transmite suas experiências, isto é, sua fonte é o folclore.

Sua manifestação primitiva é a linguagem oral, então é evidente que não se possa fixar a sua origem, dizendo de onde veio ou quem a inventou. É transmitida de boca em boca pelas criaturas. É anônima, pois não é de ninguém. Pertence ao povo.

A civilização pouco a pouco vem instruindo, educando e disciplinando a inteligência do homem, cerceando-lhe a imaginação, a ingenuidade e simplicidade, porém, não lhe destrói a feição folclórica, o que nos permite encontrar a linguagem criptológica como extraordinário legado de ontem à geração de hoje.

Enquanto o povo, desejando sempre uma clareza maior, simplifica, instintivamente, a língua que fala, sem se preocupar com a simples correção; de outro lado, integrantes deste mesmo povo, procuram complicá-la, com o sentido de confundir ou tornar sigilosa a emissão do pensamento.

O êxito da linguagem criptológica consiste no surpreendente segredo de transformar as variantes dos fonemas, isto é, os sons reais da palavra escapam a nossa observação; não podem ser, portanto, compreendidos pelo ouvinte destreinado. O ato complica a comunicação.

O único recurso empregado é a repetição, pois é incontestável esse valor.

Com método, com atenção, com interesse inspirado sempre no pensamento reflexivo, este passatempo revela a criança e a criança revela-se neste passatempo.

Os pré-adolescentes, os adolescentes e mesmo alguns adultos participam do Falar em Língua, porque adentra-lhes a alma, captando-lhes as reações.

É um tipo de argô (língua completamente adulterada, pois as «palavras» têm sentido só compreensível pelos que as usam ou têm interesse em conhecê-las). Só os iniciados são capazes de praticá-la, pois criam-se novos sons no sistema.

Não deixa de ser um ato de comunicação, pois há alguém que transmite a mensagem: o emissor, e alguém que recebe essa mensagem e a compreende: o receptor; os quais obedecem a regras certas, pré-estabelecidas, para essa linguagem fechada.

O papel do curioso é observar os fatos de linguagem para descobri-los, somente ouvindo quem fala, pois para consolidar os conhecimentos adquiridos, sem treino, só há o meio de ouvir freqüentemente os que falam, isto é, dependendo da inteligência, do raciocínio e da observação.

Existe um rico material de observação no que diz respeito à linguagem criptológica, com embaraços (sons intermediários articulados antes, depois ou no meio das sílabas da palavra que gera esse exótico linguajar).

Vejamos o assunto sob à luz de exemplos colhidos com o intuito de esclarecer o mecanismo das mudanças fonéticas.

A) Vocábulo - obstáculos, monossilábicos, colocados antes das sílabas da palavra.

Linguagem do Gê

- 1) (gê) O (gê) ho (gê) mem (gê) é (gê) ve (gê) lho.
O homem é velho.

Linguagem do Pê

- 2) (pê) Deus (pê) é (pê) a (pê) ver (pê) da (pê) de.
Deus é a verdade.

Linguagem do Cê

- 3) (cê) Vo (cê) cê (cê) gos (cê) tou (cê) da (cê) mú (cê) si (cê) ca?
Você gostou da música?

Linguagem do Guê

- 4) (guê) O (guê) Bra (guê) sil (guê) é (guê) gran (guê) de.
O Brasil é grande.

Linguagem do Pô

- 5) (pô) O (pô) Se (pô) nhor (pô) é (pô) meu (pô) pas (pô) tor.
O Senhor é meu pastor.

Linguagem do Rê

- 6) (rê) Vo (rê) cê (rê) an (rê) da (rê) a (rê) pé?
Você anda a pé?

Linguagem do Bê

- 7) (bê) Os (bê) pá (bê) ssa (bê) ros (bê) vo (bê) am.
Os pássaros voam.

Linguagem do Tô

- 8) (tô) A (tô) u (tô) ni (tô) ão (tô) faz (tô) a (tô) for (tô) ça.
A união faz a força.

Linguagem do Xis

- 9) (xis) As (xis) cri (xis) an (xis) ças (xis) são (xis) de (xis) Deus.
As crianças são de Deus.

B) Vocábulo - obstáculos, monossilábicos, colocados depois das sílabas da palavra.

Linguagem do "Guê" seguido dos sons vocálicos da sílaba precedente

- 10) Vo (gô) cê (guê) é (guê) bra (gá) si (gui) lei (guei) ro (gô)?
Você é brasileiro?

Linguagem do "Pê" seguido dos sons vocálicos da sílaba precedente

- 11) Vo (pô) cê (pê) es (pês) tá (pá) a (pá) le (pé) gre (pê).
Você está alegre.

Linguagem do Quê

- 12) Gos (quê) to (quê) do (quê) teu (quê) so (quê) rri (quê) so (quê).
Gosto do teu sorriso.

Linguagem do Pê

- 13) Deus (pê) é (pê) o (pê) ca (pê) mi (pê) nho (pê).
Deus é o caminho.

Linguagem do Guei

- 14) A (guei) la (guei) ran (guei) ja (guei) é (guei) do (guei) ce (guei).
A laranja é doce.

C) Vocábulo - obstáculos, dissilábicos, colocados antes das sílabas da palavra.

Linguagem do Faim

- 15) (faim) As (faim) flo (faim) res (faim) são (faim) be (faim) las.
As flores são belas.

Linguagem do Menê

- 16) (menê) As (menê) ro (menê) sas (menê) são (menê) per (menê) fu (menê) ma (menê) das. As rosas são perfumadas.

Linguagem do Reguê

- 17) (reguê) Os (reguê) li (reguê) vros (reguê) são (reguê) no (reguê) ssos (reguê) a (reguê) mi (reguê) gos.
Os livros são nossos amigos.

Linguagem do Teco

- 18) (teco) Ma (teco) ca (teco) co (teco) ve (teco) lho (teco) não (teco) me (teco) te (teco) a (teco) mão (teco) em (teco) cum (teco) bu (teco) ca.
Macaco velho não mete a mão em cumbuca.

Linguagem do Geri

- 19) (geri) De (geri) ve (geri) mos (geri) es (geri) tu (geri) dar.
Devemos estudar.

Linguagem do Níver

- 20) (níver) Eu (níver) es (níver) tou (níver) ner (níver) vo (níver) so.
Eu estou nervoso.

Linguagem do Fonfom

- 21) (fonfom) Je (fonfom) sus (fonfom) é (fonfom) re (fonfom) a (fonfom) lis (fonfom) ta.
Jesus é realista.

D) Vocábulos - obstáculos, dissilábicos, colocados depois das sílabas da palavra.

Linguagem do Parrá, Perré, Pirri, Porró, Purru, cujo radical será seguido dos sons vocálicos da sílaba anterior.

- 22) E (perrê) les (perrês) não (parrão) gos [porros] tam (parram) de (perrê) mú (purru) si (pirri) ca (parrá).
Eles não gostam de música.

Linguagem do Candê

- 23) Co (candê) mo (candê) é (candê) gran (candê) de (candê) o (candê) mun (candê) do (candê).
Como é grande o mundo.

Linguagem do radical "Pep", seguido dos sons vocálicos da sílaba antecedente

- 24) Que (pepê) rer (peper) é (peper) po (popô) der (peper).
Querer é poder.

Linguagem do Farrá, Ferré, Ferri, Forró, Furrú, cujo radical será seguido dos sons vocálicos da sílaba precedente

- 25) Voz (forrós) do (forrô) po (forrê) vo (forrô) é (ferré) a (farrá) vos (forrós) de (ferré) Deus (ferreus).
Voz do povo é a voz de Deus.

Linguagem do Tibum

- 26) Eu (tibum) te (tibum) a (tibum) mo (tibum) meu (tibum) Bra (tibum) sil (tibum).
Eu te amo meu Brasil.

Linguagem do Cuntim

- 27) Eu (cuntim) sou (cuntim) bra (cuntim) si (cuntim) lei (cuntim) ro (cuntim).
Eu sou brasileiro.

Linguagem do Taraz

- 28) Que (taraz) ro (taraz) si (taraz) lên (taraz) cio (taraz).
Quero silêncio.

Linguagem do Faim

- 29) As (faim) rro (faim) sas (faim) têm (faim) es (faim) pi (faim) nhos (faim).
As rosas têm espinhos.

Linguagem do Garra

- 30) O (garra) do (garra) min (garra) go (garra) é (garra) di (garra) a (garra) san (garra) to (garra).
O domingo é dia santo.

E) Vocábulos - obstáculos, trissilábicos, colocados antes das sílabas da palavra.

Linguagem do Chiprocó

- 31) (chiprocó) A (chiprocó) mu (chiprocó) lher (chiprocó) que (chiprocó) brou (chiprocó) o (chiprocó) po (chiprocó) te.
A mulher quebrou o pote.

F) Vocábulos - obstáculos, trissilábicos, colocados depois das sílabas da palavra.

Linguagem do Pirilim

- 32) Ho (pirilim) je (pirilim) vou (pirilim) es (pirilim) tu (pirilim) dar (pirilim) mú (pirilim) si (pirilim) ca (pirilim).
Hoje vou estudar música.

Linguagem do Tililim

- 33) O (tililim) ho (tililim) mem (tililim) é (tililim) in (tililim) te (tililim) li (tililim) gen (tililim) te (tililim).
O homem é inteligente.

Linguagem do Garará, Gueréré, Guiriri, Gororó, Gururu, cujo radical será seguido dos sons vocálicos da sílaba anterior.

- 34) Vo (gororô) cê (guerere) vai (gararai) em (guererei) bo (gororó) ra (garará)?
Você vai embora?

Linguagem do Chaparrá

- 35) O (chaparrá) me (chaparrá) ni (chaparrá) no (chaparrá) es (chaparrá) tá (chaparrá) cho (chaparrá) ran (chaparrá) do (chaparrá).
O menino está chorando.

Linguagem do Xereré

- 36) Bem (xereré) a (xereré) ven (xereré) tu (xereré) ra (xereré) dos (xereré) os (xereré) que (xereré) cho (xereré) ram (xereré).
Bem - aventureiros os que choram.

Linguagem do Gueriguei

- 37) O (gueriguei) sol (gueriguei) es (gueriguei) ta (gueriguei) va (gueriguei) quen (gueriguei) te (gueriguei).
O sol estava quente.

Linguagem do Filelé

- 38) O (filelé) sol (filelé) es (filelé) tá (filelé) mui (filelé) to (filelé) quen (filelé) te (filelé).
O sol está muito quente.

Linguagem do Paepé, Peepé, Piepé, Poepé, Puepé

- 39) Vo (poepé) cê (peepé) vai (paepé) ca (paepé) sar (paepé)?
Você vai casar?

Linguagem do Concespo/Concraspo

Intercalam-se após cada sílaba da palavra, alternadamente, os vocábulos concrespo/concraspo.

- 40) Eu (concespo) plan (concraspo) tei (concespo) um (concraspo) pé (concespo) de (concraspo) jas (concespo) mim (concraspo).
Eu plantei um pé de jasmim.

G) Vocábulos - obstáculos, monossilábicos, colocados antes e depois da sílabas da palavra.

Linguagem do Za... Ci

- 41) (zá) Não (ci) (zá) gos (ci) (zá) to (ci) (zá) de (ci) (zá) do (ci) (zá) ce (ci).
Não gosto de doce.

H) Também para confundir o ouvinte, é costume intercalar entre as sílabas das palavras, uma outra palavra já existente na língua.

Por exemplo: garrafa, caneca, etc.

Linguagem do Garrafa

- 42) O (garrafa) ho (garrafa) mem (garrafa) é (garrafa) mor (garrafa) tal (garrafa).
O homem é mortal.

Linguagem do Caneca

- 43) Mi (caneca) nha (caneca) ca (caneca) sa (caneca) é (caneca) gran (caneca) de (caneca).
Minha casa é grande.

Linguagem do I

- I) Todas as vogais (a, e, o, u) orais e nasais são substituídas pela vogal i.

- 44) I criínci isti ni quírti índi díirmi.
A criança está no quarto onde durmo.

- J) Pela substituição das vogais por outros elementos fonéticos: a - ais; e - enter; i - ínís; o - ômber; u - úfiter.

- 45) Ômber múfiter-rômber dais caiszais dômber viniszínishômber enter maisrrômber.
O muro da casa do vizinho é marrom.

- L) Substituindo-se as vogais orais e nasais que formam sílaba com a consoante «p» pela vogal «e» que aparece nas sílabas da palavra que se quer formar.

- 46) E (po) me (pum) de (po) ge (pi) re (pa).
O mundo gira.

- M) Pela troca de consoantes entre vogais de uma palavra. Neste caso, as palavras monossilábicas não se alteram. A permuta de consoante entre palavras dissilábicas é fácil. A maior dificuldade reside nas polissilábicas, cuja permuta deve operar-se em ordem decrescente.

- 47) Dope vocher gofo.
Pode chover fogo.

- N) Pela inversão das sílabas das palavras (do fim para o começo). Também, neste caso, as palavras de uma sílaba não sofrem alteração.

- 48) Toues domanto nhoba.
Estou tomando banho.

- 49) Meu mãoir vai tarma o copor.
Meu irmão vai matar o porco.

- O) Pela prolação dos fonemas que entram na constituição das sílabas da palavra.

Permanecem inalterados os artigos e pronomes **o**, **a**; preposição **a**; conjunção **e**; a forma verbal **é** (verbo ser); as interjeições **ah!**, **eh!**, **ih!**, **oh!** (ou ó) e **uhl** e as vogais que, sozinhas, formam sílabas.

- 50) A, beór - bôr, beó - bô, leé - lê, teá - tá, é, a, zeul - zul, e, veer - ver, meê - mê, lheá - lha.

A borboleta é azul e vermelha.

A linguagem criptológica é uma arte e uma técnica. Arte, porque estabelece os preceitos de uma ação prática. Técnica, porque racionaliza os preceitos desta arte.

Apresenta várias funções, das quais apontamos:

a) **Preparadora** - coordena noções principais, focalizando particularidades que são necessárias para a comunicação. Prepara o falante para receber a instrução.

b) **Motivadora** - desperta entre os falantes o interesse pelo assunto. Apresenta a experiência.

c) **Disciplinadora** - alerta os falantes, chama-lhes a atenção para o assunto.

d) **Reflexiva** - leva a raciocinar e refletir sobre o assunto. Esclarece dúvidas.

e) **Diagnosticadora** - apura se os falantes estão ou não preparados para a conversação.

f) **Recapituladora** - encoraja as atividades dos falantes. Orienta a formação de hábitos. Toca nos pontos fundamentais já tratados.

g) **Aplicadora** - usa a teoria nos exercícios práticos.

A aprendizagem deste divertimento popular, depende, sobretudo, da associação de novos estímulos sensitivos, com padrões de memória que existem anteriormente.

Apresenta algumas vantagens:

Prende a atenção e desperta o interesse dos que a falam. Aproxima as amizades. Torna o assunto movimentado e alegre. Distrai. Educa a atenção. Torna a comunicação secreta. Exerce o autocontrole. Desenvolve um sistema de treinar a memória. É analítica e exige memória auditiva, vocal ou fônica, desenvolvendo a facilidade, tenacidade e exatidão. Vence dificuldades. Consolida os conhecimentos adquiridos. Forma o hábito de falar e ouvir.

Salvo os casos de gravidade, próprios de especialistas e psiquiatras, os exercícios frequentes da conversa criptológica servem de terapêutica na correção de algumas anomalias da linguagem - comunicação, como algumas perturbações não muito graves:

a) **dislalia**: articulação imperfeita por deficiência de estrutura nos nervos glóssicos.

b) **mogilalia**: dificuldade de articulação de muitos sons, por falta do domínio dos órgãos periféricos da palavra: **gamacismo** (dificuldade de pronunciar fonemas constrictivos : **c**, **g** e **x** = **cs**); **sigmatismo** (dificuldade na pronúncia do **s**); **rotacismo** (dificuldade de pronúncia do **r**) e **lambdacismo** (dificuldade de pronúncia do **l**).

c) **bradilalia**: articulação lenta e defeituosa da palavra.

d) **bradialtria**: articulação lenta e defeituosa da sílaba.

Retornemos ao Assunto

O sigilo produz-se quando o som interposto às sílabas torna confusa a compreensão do vocábulo. Esta compreensão só é possível apenas por um esforço de atenção. A causa das transformações do som da palavra reside nas modificações impostas (determinadas) pela intercalação do vocábulo - obstáculo.

Quando pronunciamos uma palavra, com os sons partitivos da sílaba, produz-se a abertura de um caminho para a classe de fatores que vêm perturbar a regularidade da prolação dessa palavra.

Estas alterações constituem variantes extrafonológicas de uma cadeia sonora vocabular e somente, com dificuldade, se atinge o sistema fonológico da língua, pois se perde o reflexo e a generalização, na consciência social, da palavra emitida.

A alteração vai interessar somente às pessoas que fizeram os treinos, que descobriram o segredo. Pode-se comparar ao idioleto—linguagem especial, fechada, de um grupo, ou melhor, de até somente duas pessoas.

Assim sendo, a língua passará a um estágio monossilábico. A palavra se produzirá completamente pela eliminação dos **vocábulos - dificuldade**, na maioria dos casos artificiais, com raríssimas exceções não constituídos de vocábulos onomatopaicos, tomando-se o som da voz pelo signo dos sons da natureza, com variedades caprichosas de uma língua inteiramente «estranha».

Pode-se, pois, afirmar que sob a influência da intromissão de **vocábulos - chave**, só através de maiores esforços para organizar esse tipo de língua, pode a pessoa aprender os seus segredos.

O som que se intercala, apresenta dificuldade de pronúncia para o emissor (o codificador) e também para o receptor (o decodificador).

Com isto há uma série de fatores que perturbam a marcha normal da comunicação. Mas há palavras que não sofrem alterações. Passam a exceções. Nelas estão as partículas, palavras monossilábicas da língua.

Se o que é emitido pelo sujeito falante for compreendido por um interlocutor, constatamos um ato de comunicação pela língua (secreta), pois equivale a uma ação e é um ato da linguagem individual; o circuito lingüístico estabelecido entre o sujeito falante e o interlocutor, não deixa de representar, para eles, uma instituição social: uma língua.

Pelo estabelecimento de uma norma adotada pelos sujeitos falantes do grupo ensaiado, passa da linguagem individual à língua, e serve para um grupo de pessoas se comunicar.

É preciso que o receptor compreenda o código usado pelo emissor, pois haverá efetivamente comunicação se os dois conhecerem

o mesmo código, isto é, é preciso que eles usem a mesma linguagem secreta, para a transmissão de mensagens e de comunicação.

Se ouvirmos alguém conversar numa língua que não entendemos, somos capazes de perceber os significantes, isto é, os sons que a pessoa emite, porém, não conseguimos associá-los a nenhum significado. Podemos combinar de modo pessoal o material lingüístico e dessa forma, criar a fala. Por outro lado, se houver alguém ouvindo aquela transmissão criptológica, mas que não conheça o código, poderá perceber alguma coisa, mas não poderá decifrar a mensagem, pois não é capaz de relacionar os sons a nenhum significado.

Como «coisas» de crianças e jovens, é um divertimento que se caracteriza pela vivacidade e parece misterioso. Utilizada como língua secreta e com extraordinária rapidez, maior é o desafio à perplexidade dos circunstantes.

Depois de haver aprendido, racionalmente, toda a parte básica dos truques, o participante assenhorar-se-á dos pormenores e das particularidades, formando um bom alicerce, e isto servirá para a combinação de brinquedos, recreação e distrações: jogar bola, nadar, caçar, pescar ou, ainda, para marcar encontro de rua aos namorados.

Apresenta algumas desvantagens: é cansativa, enervante. Irrita os adultos, principalmente os mais idosos, que se aborrecem por desconhecerem os segredos dessa comunicação verbal.

Hoje os tempos estão mudando. Poucas são as pessoas que ainda cultivam o passatempo da comunicação criptológica, porque precisam instruir-se, realizando ensaios. E a criança só quer moleza.

NOTA: Todos os exemplos de Linguagem Criptológica registrados neste trabalho, foram recolhidos no Município de Olímpia - SP, principalmente nos meios infantis dos diferentes bairros e no distrito de Ribeiro dos Santos, nos anos de 1977 e 1978.

Publicado no panfleto **Foldore**, em agosto de 1978.

FOLCLORE VERBAL

O FOLCLORE URBANO NA EXPLOSÃO DOS VISUAIS

Prof. Maurício César Alves Pereira

(Departamento de Folclore - Olímpia)

O nosso mundo novo vive sob o signo das comunicações. Urge que a renovação se realize em todos os aspectos. Não há tempo para mensagens complicadas que exigem um trabalho moroso de decodificação. Qualquer usuário da língua comunica e se faz entender. Isto significa que, de um modo geral, todos usamos do mesmo código ao enviar nossas mensagens.

Atualmente, mais do que nunca, a língua tornou-se um elemento vivo, dinâmico, sujeita, portanto, às influências internas e externas que ocorrem em seu processo evolutivo. A fala, comunicação oral, sempre aparece antes da língua, comunicação escrita e normativa. Por isso, recebe, diretamente, a marca de seu usuário. Nesse sentido, explica-se o fato de muitos desses falantes criarem um código próprio para sua comunicação.

Nos anos 60, até os dias de hoje, assistimos a uma renovação em defesa de uma comunicação mais livre. Sem falar dos códigos não verbais, como senhas e gestos de profundo valor semiótico, contamos com um vocabulário próprio, constituído de interessantíssimas palavras. Essas, pertencem a determinado grupo e como tal funcionam comunicativamente entre os indivíduos que ao grupo pertencem.

Por outro lado, parece que a ânsia de liberdade em seu sentido mais amplo, transparece no modo de comunicarmos. As palavras saem de suas classificações normais, seguindo uma trajetória completamente livre. *Jóia, legal, transa, ó meu!, tô numa boa, qual é a tua?*, são exemplos típicos de que rebelamos contra os "-ismos" que a cultura tradicional tenta impor-nos. Mas, os neologismos são justificáveis, se levarmos em consideração que eles são conseqüência do choque entre os "-ismos" de um lado e o individualismo, de outro. Aí a situação se agrava, para a língua é claro. Ela é unidade e por isso deve ser preservada.

O nominalismo é válido, desde que empregado em contextos onde falante e ouvinte possuam seus códigos pré-estabelecidos.

Reconhecemos na explosão dos visuais colocados nos pára-brisas dos carros, o nosso folclore urbano. Essencialmente, estamos diante de linguagem, se compararmos com aquela dos pára-choques de caminhões. A única diferença se dá por uma questão de espaço: no pára-choque ou no pára-brisa, a mesma filosofia, o mesmo desejo de explicar as coisas e o mundo.

Os lemas «20 ver», 100 destino, 80 cão, 100 dinheiro; K-petão, K-cetada; Batida, só de pinga com limão; Hei de vencer, mesmo sendo professor; Bramalogia, Corintiologia, Mulherologia; Estou rezando 1/3 para achar 1/2 de levar você a 1/4, são válidos, se entendermos que os limites do regional, em seu nível mais profundo, tangenciam o pensar de outros seres excluídos do contexto cultural civilizado. Ou, que nesses indivíduos predomina a função imaginativa que reveste ou afasta o real, gerando a interpretação folclórica.

Concluindo: um grupo tem necessidade de criar um código ou códigos para se comunicar. O perigo está no fato de não se respeitar a unidade lingüística. Faz-se necessária uma distinção entre a comunicação oral e a língua escrita. Cabe aos meios de divulgação de comunicação de massa policiar a norma culta brasileira. Os ataques à gíria e aos neologismos não levam a nada. Também não se trata de tomar partido daqueles que entendem comunicação, a partir de modelos clássicos e rígidos, distantes da realidade lingüística. O mais válido é adotarmos a idéia de escolher entre os modelos literários contemporâneos aqueles que mais satisfaçam as nossas exigências atuais. Essa sim, parece-nos seja uma tomada de posição coerente, uma vez que recoloca a norma culta como um processo dinâmico e historicamente condicionado. Tem mais não.

FOLCLORE VERBAL

EPITÁFIOS

Prof. Afonso Calixtro

(Departamento de Folclore - Olímpia)

Epitáfios são os escritos sobre as lousas tumulares. O termo, originário do grego, é assim formado: *ept*, prefixo que designa *posição superior* e *tafos*, radical que significa túmulo. Pode-se afirmar que as escritas tumulares são um grande livro. Livro constituído de alfabeto e es-

crita próprios, nascido e registrado pela espontaneidade de linguagem rica e viva no plano de comunicação humana. O estado de espírito que revela, contém uma sabedoria surpreendente de que somos espectadores.

Percorrendo os túmulos, e lendo essas escritas, descobrimos uma simplicidade descontraída do saber popular.

Essas inscrições tumulares constituem elogios fúnebres e aparecem em prosa ou em verso (geralmente, quadra). Referem-se ao amor, à saudade, à esperança, ao consolo, à tristeza ou à revolta.

Sirvam os exemplos dos túmulos de crianças:

Adeus, querido filhinho,
Que partiu com tenra idade,
Levando ao céu a esperança,
Deixando, em nós, a saudade.

Candura, graça, inocência
Refugiaram-se aqui.
Terra, não peses sobre ela,
Pois não pesou sobre ti.

Aqui jazem os meus ossos,
Neste campo de igualdade,
Para onde virão os vossos,
Quando Deus tiver vontade.

Por ser muito boazinha
Não pôde morar aqui,
Foi ficar com os anjinhos
Deus a levou para si.

E este outro de túmulo de adulto

Eu que nunca um só momento,
Senti paixão pelo ouro,
Hoje por causa da morte,
Guardo enterrado um tesouro.

(Do filho à mãe)

Este trabalho envolve alguns aspectos mais representativos dos epitáfios, recolhidos no Cemitério Municipal de São João Batista, de Olímpia.

«Lina,
Dorme tranquilla no teu gélido leito
Dorme o teu último e derradeiro sonno
Anjo de candura e bondade
Mas não te esqueças de teus paes
Que te dedicaram a mais
pura e sincera das amizades.

Fallecida em 6-8-1916
Com um anno de idade.”

«Dorme Ida, nosso thezoro
Que ao clarão do triste luar,
Os anjos das asas dourado
Do céu te venhão embalar.

Fallecida - 19-6-1916
Com 21 meses de idade
Saudades de seus paes».

«Ruth:
Anjo de candura e inocência
Dorme tranquilla em teu gélido leito,
mas não te esqueças de teus paes e
irmãos inconsolaveis.

Nascida em 7-10-1924
Morta em 6-2-1926».

«Ao inesquecível anjinho
De que valeu meu orgulho
de seres filho meu
Pois Deus também cobiçou-te
Levando-te para o céu.

O teu apelido anjinho
Era ornado a ti
Foste um verdadeiro anjo
Não eras mesmo daqui.

De mão a saudade
E a mais intensa e pura
Só desaparecerá um dia
Unindo-nos à sepultura.
Sua mãe.

B.O.N.

Nascido em 7-4-1945
Falecido em 1-11-1947».

«E.S.A.

As tuas excelsas virtudes
Contribuam para que sejas eleito de
Deus!
O bem que semeastes na terra
Se transforme em profusão
De graça para tua vida suprema!
Amparai na desventura
E consolai no sofrimento
Os que não te esquecerão

Esposa e Filhos 8-7-1938».

«Dorme Dalva tranquilla
no teu gélido e teu último
e derradeiro sonno
mas não te esqueças de
teus paes e irmãos.

Nascida em 14-4-1924
Morta em 4-11-1924».

«M. de C.

Nascida em 30-3-1920
Morta em 19-7-1954

Saudades de meus irmãos
e sobrinhos com saudade parti
para um novo mundo.
Deixei aos meus uma dor profunda
somente a fé poderá servir de
lenitivo Jesus Querido,
Dae-me o descanso e a luz eterna”.

“Aqui dorme o sono eterno
M.A.R.
Morta em 23-12-1944
Com 38 anos

Amparai na desventura e
consolai no sofrimento os que
nunca te esqueceram esposo, filhos
e parentes
Saudades”.

“ V.M.J.

Nascida em 30-11-1890

Morta em 28-3-1945

A Ela as lágrimas sentidas
Brotadas do fundo dos
corações de seus filhos, irmãos,
genros, nora, netos, parentes
e amigos”.

“Aqui jaz
os restos mortais de A.P.
Falecida no dia 7-6-1929
Com 87 annos de idade
saudades de seus filhos
genros e netos.

Dorme, querida mãe
o sonno da eternidade
deixas-tes teus filhos
com a dor da saudade
orai por nós”.

“Anjos

Se da mansão celeste
é permitido ver as pessoas
queridas aqui na terra
fixaes em nossos olhos
e iluminai os nossos passos.

Dair

Anjo de ternura,
O ideal inesquecível de seus paes
Dorme tranquilla ...
Que o teu berço seja embalado
Pelos braços de MORPHEU,
Aureolado pelos anjos,
Espargindo braçadas de flores
Sobre o teu solitario leito.

Fallecida em 3 de janeiro de
1917 com 6 meses de idade”.

“Pais queridos
Dorme em paz
Embalado na solidão
Até Jesus te chamar
Para a celestial mansão.

Túmulo de L.M. - (1932)
B.M. - (1943)”.

“Aqui jaz os restos mortais do
jovem A.S.

Barbaramente assassinado
no dia 18 de agosto de 1928.

Saudades de seus paes”.

De qualquer modo, em qualquer uma
dessas ocorrências, o que sobressai e predomi-
na é a índole instrutiva do progresso sintético
de nossa gente.

FOLCLORE MÁGICO

O QUE JÁ OUVI NO DIA PRIMEIRO DO ANO

Antônio Clemêncio da Silva

(Departamento de Folclore - Olímpia)

Ainda é costume no Município de Olímpia comemorar, de maneira pomposa, o Ano Novo.

A festa começa na véspera. As famílias se visitam. Para esperar o Novo Ano, as pessoas vão à Igreja ou se reúnem em torno do presépio, rezando para o Deus-menino.

Quando o relógio bate meia-noite, todos se cumprimentam, desejando um «Feliz Ano Novo». Há foguetório, toques de sinos e outras manifestações. Aí, então, a família reunida, ceia. Na zona rural, é de tradição o baileco, à sanfona, que vai até a madrugada do dia primeiro.

No dia 1º de janeiro, as visitas são trocadas. Os parentes se convidam para o grande almoço.

Mas de tudo isso, o que mais me chamou a atenção foi uma série de superstições e crenças que ouvi nesse dia. Com muito interesse sobre o assunto, preparei o seguinte registro:

1) Passar a noite do primeiro do ano com as luzes de casa todas acesas, para o ano co-

meçar bem iluminado, alegre e trazer ventura.

- 2) Ter à mão, à meia-noite, uma bolsa de dinheiro, assim, não faltará dinheiro no transcorrer de todo o ano.
- 3) Quando o relógio marcar meia-noite é bom passar em todos os cômodos da casa com uma bacia de água, para ter-se sorte durante o ano.
- 4) Começar o ano usando uma roupa nova de cor rosa ou amarela, traz ventura.
- 5) Esperar a meia-noite, subido num lugar bem alto, é bom para a felicidade da pessoa.
- 6) Chupar doze caroços de uva branca dará muita sorte e dinheiro à pessoa.
- 7) Chupar três ou seis caroços de romã e guardá-los na carteira-de-dinheiro, nunca terá falta de dinheiro.
- 8) Morder um pedacinho de maçã e colocá-lo dentro de uma nota (dinheiro) nova e guardá-la, evita a falta de dinheiro naquele ano.
- 9) Usar uma peça íntima de roupa nova, também reverte em felicidade.

- 10) Quem nasceu no dia primeiro de janeiro será feliz em toda a sua vida.
- 11) Quem espancar um inocente (criança até 7 anos de idade) no primeiro dia do Novo Ano, terá infelicidade no decurso do ano.
- 12) O que a pessoa fizer (de bom ou errado) no primeiro dia do ano assim agirá durante o ano todinho.
- 13) Comer uma tâmara e guardar o caroço na carteira, terá dinheiro todo o ano.
- 14) Na primeira refeição do dia primeiro comer lentilha dará muita sorte, ou melhor, tomar uma sopa de lentilha à meia-noite. Para que nunca falte dinheiro à pessoa é preciso que enquanto tome a sopa, chupe alguns bagos de uva.
- 15) Não comer frango e sim leitoa no dia primeiro, pois o frango cisca para trás, atrasa a vida e o porco fuça para a frente, traz progresso.
- 16) Jogar um objeto velho, um par de sapatos, por exemplo, que é o mais indicado para ser jogado fora num fim de ano, trará fortuna à pessoa.
- 17) Vestir um casaco pelo avesso, mesmo que esteja fazendo calor, atrai presentes.
- 18) Pôr todo o dinheiro que tiver, no bolso, não haverá de faltá-lo o ano inteirinho.
- 19) Comer uva em cima de uma cadeira na passagem de ano é ótimo para atrair sorte.
- 20) Beber todos do mesmo copo de vinho e pronunciar «abracadabra» três vezes seguidas é bom para ter-se sorte durante o ano.
- 21) Se algum relógio dentro de casa estiver parado, cuide de fazê-lo funcionar. Relógio parado em primeiro do ano é sinal de mau agouro.
- 22) Se no primeiro de janeiro um cachorro urinar na porta da frente da casa, traz ventura para a gente.
- 23) Dormir de meias na passagem de ano é bom para se ter sorte no Ano Novo.
- 24) Na passagem do ano é bom varrer vagarosamente a casa, da cozinha para a sala, pois tudo de ruim do ano que se finda vai-se embora com esse lixo.
- 25) Se a primeira pessoa a nos entrar na casa a primeiro do ano for homem branco, é sinal de sorte. Se for homem ou mulher de cor, dará azar.
- 26) Se no dia primeiro de janeiro trovejar de manhã é sinal de que durante o ano morrerão mais crianças; se trovejar ao meio-dia, morrerão mais pessoas jovens; se trovejar à tarde, morrerão os mais velhos.
- 27) Quem receber como presente ovos no dia primeiro do ano, ficará muito rico.
- 28) À meia-noite, apanhar um punhado de milho. Sair pela cozinha e dar três voltas ao redor de casa, rezando três Ave-marias. Entrar pela porta da sala e distribuir os grãos de milho nas gavetas, armários e também na carteira-de-dinheiro. Isto trará sorte.
- 29) Quem não quiser sentir necessidade de alimentos, deverá montar uma mesa com todos os alimentos possíveis e oferecer ao Menino Jesus. No dia dois de janeiro aqueles alimentos deverão ser dados aos pobres.
- 30) No dia primeiro do ano, a pessoa deve fazer as melhores comidas possíveis para que isso se repita no transcorrer de todo o ano.
- 31) Quem quiser ser elegante, vestindo-se bem durante todos os dias é preciso que no primeiro de janeiro se traje com roupas novas e jóias caras.
- 32) As moças que queiram ter sorte no amor, à meia-noite, na passagem do Ano, deverão trajar-se somente com "soutiens" azul e calcinha cor-de-rosa e mostrar as nádegas à Lua.
- 33) Plantar uma muda de "dinheiro em penca" e colocá-la em lugar alto. Aguar devidamente. Se a planta vingar, a pessoa ficará rica.
- 34) À primeira badalada da meia-noite, na passagem do ano, a pessoa deverá retirar o pé esquerdo do chão e assim permanecer até completarem as 12 badaladas do relógio. Isto é bom para a sorte da pessoa.
- 35) Enquanto o relógio soar 12 badaladas, na noite de primeiro do ano, a pessoa deverá fazer uma oração, pedindo para ser feliz.

SIMPATIA COM ÁGUA PLUVIAL

Se chover no dia primeiro de janeiro, a pessoa que quiser ficar rica deverá colher, numa vasilha de louça ou vidro (nunca de alumínio ou ferro), as águas da chuva que não venham do telhado. Beber um tanto dessa água e guardar o restante para ir bebendo, até terminar. O praticante dessa ação não sofrerá crise financeira no transcorrer do ano.

SIMPATIA PARA LIVRAR-SE DE PROBLEMAS

À meia-noite, na passagem do ano, escrever numa folha de papel todos os problemas que impedem a saúde e tranqüilidade. Depois, colocar esta folha de papel num recipiente qualquer, acender uma vela, e enquanto recitar a oração do Pai-Nosso, queimá-la. Os problemas ali escritos desaparecerão e a pessoa passará a gozar a felicidade desejada.

SIMPATIA COM ROMÃ

Separar três grãos de uma romã. O primeiro grão que chupar, faz-se um pedido pa-

ra o amor; o segundo, para ter-se dinheiro e o terceiro, para garantir saúde no transcorrer do ano. Fazer um patuá com as três sementes chupadas e carregá-lo no bolso ou na carteira. Não comer nesse dia carne de nenhum animal que cisque para trás: frango, peru ou pato.

No último dia do ano, colocar o patuá num presépio de Igreja e repetir a simpatia. Agindo assim, nunca faltará dinheiro à pessoa.

SIMPATIA PARA FICAR RICO

(LIGADA AO RITUAL DE QUIMBANDA)

Comprar uma garrafa de Champanhe supergelado. À meia noite, toma-se uma moeda de Cr\$ 1,00 (um cruzeiro) e a coloca dentro de

uma taça virgem. Agite bem o Champanhe, tire-se-lhe a rolha e atire 3 (três) goles para o Exu (da preferência) ou à Pomba Gira. O homem oferecerá os três goles à Pomba Gira e a mulher, ao Exu, enquanto se faz o pedido. A seguir, coloca-se o Champanhe na taça. O praticante é o primeiro a tomar dele. Se sobrar é permitido que pessoas da família também bebam. Não se deve oferecer à pessoa de outra família, pois a sorte poderá ser transferida a esta pessoa.

As crenças e superstições brasileiras para a comemoração do Ano Novo são muito variadas e assim o Folclore Nacional se torna uma fonte inesgotável para investigações e pesquisas.

Obs: Coletas efetuadas no Município de Olímpia (1977/1978)

FILATELIA E FOLCLORE

Prof. Éden Eduardo Pereira

(Presidente da Comissão de Filatelia - Olímpia)

De uns tempos para cá, a Filatelia e o Folclore estão caminhando juntos na tentativa de fixar na cultura brasileira o rico manancial que esses dois campos oferecem como fator educativo.

A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos tem sido bastante feliz nos últimos anos ao escolher como motivo de seus selos as mais populares manifestações folclóricas do país.

Essa assertiva é corroborada pela programação de uma série do «Folclore Brasileiro» estampada em 3 selos com as imagens de instrumentos musicais folclóricos: viola, píforo e berimbau, cujo lançamento em Olímpia vai ocorrer no dia 22 de agosto de 1978—Dia do Folclore—, com carimbo de 1.º dia de circulação.

O lançamento dessa série em Olímpia—Capital do Folclore—dar-se-á no encerramento da 1.ª Exposição de Selos Folclóricos com a participação de grupos de violeiros, folias de reis, da Academia de Capoeira «Praia de Amaralina», todos de Olímpia.

A seguir transcrevemos o texto do Edital da ECT de autoria de Maria de Lourdes Borges Ribeiro, Assessora Técnica da FUNARTE—Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

A VIOLA

A viola é o mais folclórico dos instrumentos musicais brasileiros, pela presença em todo o território e por atender e servir a diferentes manifestações. Remanescente da viola portuguesa renascentista, pouco menor

que o violão, apresenta 10 ou 12 cravelhas, cordas duplas e simples, com afinação oitavada ou em uníssono.

No Nordeste, é o instrumento mais

apropriado ao cantador, harmonizando a cadência do verso, nas várias formas poéticas, ao som melódico; no Brasil Central—denominado área da viola—seu ajuste e propriedade se revelam principalmente no cateretê, moda de viola, folia, cururu e dança de São Gonçalo.

As modalidades de afinação recebem nomes curiosos (cebolinha, cebolão, arisca, ser-ra abaixo, etc.) e, seu estudo é bastante complexo considerando-se que, embora sejam alguns de conhecimento geral, os sons componentes diferem de uma para outra zona.

Dois são os modos de tocá-la: o **pon-teio**, solo dedilhado corda a corda, e o **rasqueado**, de efeito harmônico, feridas as cordas para baixo e para cima.

Trazida pelos primeiros povoadores forma, com o violeiro, uma unidade indivisível, onde ambos se buscam e se completam e a preservação dessa forma musical arcaica, enraizada na cultura folclórica, nos permite admirar a sensibilidade, a memória, a inteligência, a arte do homem **folk**, aquele que transporta a sua alma ao instrumento que suas mãos criaram.

O PÍFARO

O píforo ou pí-fano, que no meio folk é denominado pife, é um instrumento musical semelhante à flauta primitiva, cuja origem se atribui ao travesso Pan, deus dos rebanhos. Há dois tipos de pife: um é semelhante à flauta



transversa e o pifista sopra em um furo separado dos que se alinham em seqüência, o outro possui embocadura. O comprimento, de 25 a 65 cm, regula o som, permitindo um âmbito melódico de até 2 e meia oitavas, sempre para o agudo, sendo raras as notas graves. Os semitons são obtidos com o abafamento dos furos.

O tocador de pife, sem conhecimento de teoria musical, confecciona seu instrumento com taquara ou taboca, abrindo de 4 a 7 furos, com espeto ou ferro quente. As distâncias de um a outro e o tamanho da abertura são observados com a mais rigorosa precisão, qualquer desvio na direção ou desigualdade nos furos importa em sons desafinados. Hoje encontramos também pifes de latão, com idêntico primarismo de técnica.

Vários folguedos folclóricos o incluem em seu conjunto instrumental, mas seu papel de destaque é na Banda Cabaçal, quando a melodia é executada por dois pifistas, com intervalos de 3as., 6as. e 10as. paralelas.

Usado no acompanhamento de cantigas e danças, solando na abertura e interlúdios nas procissões e missas de capelas, possui o pife extraordinária dimensão cultural, revelando o artista brasileiro, de cujas mãos surge para se enriquecer e valorizar com seu engenho de compositor e habilidade de tocador.

O BERIMBAU



Dos modelos de arco sonoro vigentes no Brasil, um se chama *berimbau-de-boca* e outro *berimbau-de-barriga* ou *urucungo*. O primeiro é um arco com uma corda de cipó timbó. O tocador sustenta o arco entre os dentes, percute a corda

com uma faca ou a deixa vibrar na cavidade oral. O segundo, ligado posteriormente à capoeira, é uma vara flexível, levemente arqueada, com um fio metálico unindo as extremidades. Como caixa de ressonância, uma cabaça cortada, presa ao fio por um barbante. O tocador segura o arco com a mão esquerda, com uma vareta na direita bate no fio e produz o som, cujas modulações são conseguidas por meio de uma moeda e a maior ou menor aproximação da boca da cabaça ao abdômen. À medida que toca, sua mão agita o caxixi (caixinha cônica de palha ou fibra vegetal trançada, contendo sementes secas).

Conhecido universalmente como arco sonoro ou musical, resulta de uma concepção primária, correspondente a um estágio elementar de cultura e é tido como fonte de onde brotaram, em processos evolutivos, a harpa, o alaúde e a cítara. É aceita a hipótese de sua entrada no Brasil através do negro de Angola, que o tocava em reuniões evocativas.

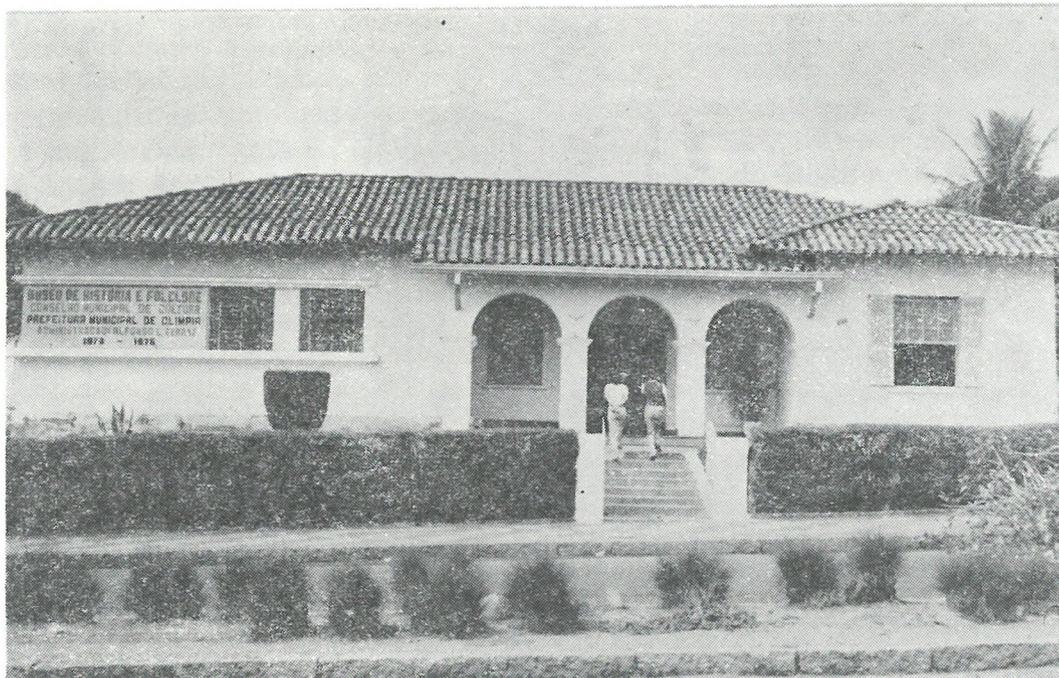
O berimbau comanda a capoeira. Seus toques se adaptaram aos golpes e, ainda que nostálgicos e saudosos, em andamento que vai do largo, lento, ao moderato e alegre, alcançam o vivace e o presto, em situações singulares.

Jogo, dança, ginástica, vadiação, luta ou brinquedo, a capoeira, defesa de escravos, ascendeu socialmente e tem no berimbau a voz que comanda e a dirige.

O MUSEU DE HISTÓRIA E FOLCLORE DE OLÍMPIA

O Prof. José Sant'anna que começara a interessar-se pelo folclore, em 1956, já no ano seguinte montava a primeira exposição ainda «muito humilde» — como ele escreveu — constituída de objetos que iam desaparecendo no rastro do progresso. Em 1958 os resultados de suas coletas foram expostos nas vitrines de «A Triunfal Modas». Coube à «Camisaria das Fábricas», em 1959, a vez de abrigar a mostra folclórica. As sucessivas exposições de 1960 a 1963, sempre acrescidas de novas peças, foram feitas no amplo salão do extinto Colégio Olímpia e, em 1964, todo o material consideravelmente aumentado, pôde ser visto, por curiosos ou interessados, na «Exposição de Móveis Bandeirantes».

No primeiro Festival do Folclore de Olímpia realizado, em 1965, todo o conjunto de objetos folclóricos, até então coletados, foi exibido ao público, na antiga e extinta «Taba do Carajá». Com a realização dos festivais seguintes e a contínua aquisição de numerosas peças raras e valiosas, surgiu a necessidade de um lugar próprio para guardá-las e preservá-las, e também como nossa cidade não conserva registradas, nem mesmo os acontecimentos marcantes de sua existência, pensou-se numa instituição que além de manter os «testemunhos da sabedoria anônima das gerações passadas» contivesse igualmente documentos autênticos e objetos de valor histórico incontestável.



MUSEU DE HISTÓRIA E FOLCLORE

Avenida XV de Novembro, 1224

(Instalado officiosamente em agosto de 1973)

O primeiro passo para atingir aqueles objetivos foi a instalação solene, em 1973, no início da administração do Dr. Alfonso Lopes Ferraz, com o acervo cedido à Prefeitura Municipal, em regime de comodato pelo Prof. José Sant'anna, no prédio que anteriormente servira de Posto de Puericultura e Delegacia de Ensino, à Avenida 15 de Novembro, n.º 1224, do Museu de História e Folclore, órgão do Conselho Municipal de Cultura. Ali permaneceu até o ano de 1975 sob os cuidados do Prof. Vitório Sgorlon, sendo os demais cargos assim distribuídos: **Chefe da Secção de História**, Prof. Rothschild Mathias Netto; **Chefe da Secção de Folclore**, Prof. José Sant'anna; Conselho Deliberativo: Prof.^a Maria Eugênia Donadão, Prof. Maurício César Alves Pereira, Prof.^a Neves Manfré Santos, Prof.^a Tereza Coletto Souza e Secretaria Geral, Prof.^a Cármen Lúcia Zambon Firmino.

Em 1976, o Prof. José Sant'anna assumiu a direção do Museu, cargo que acumulou com o de **Chefe da Secção de Folclore**. Permaneceu como **Chefe da Secção de História**, o Prof. Rothschild Mathias Neto e os novos cargos, então criados, de Administradora, Datilógrafo e Servente foram exercidos, respectivamente, por D. Alice Benfatti Lapa, Antônio Clemêncio da Silva e Maria Livramento de Oliveira.

Em todos esses anos, tendo existido como instituição apenas officiosa, funcionando, aqui e ali, precariamente, não poderia como é óbvio produzir os resultados que dele se esperavam.

Entretanto, a 25 de março de 1977, o prefeito municipal Álvaro Cassiano Ayusso enviou à Câmara o projeto de lei 1536/77, dispondo

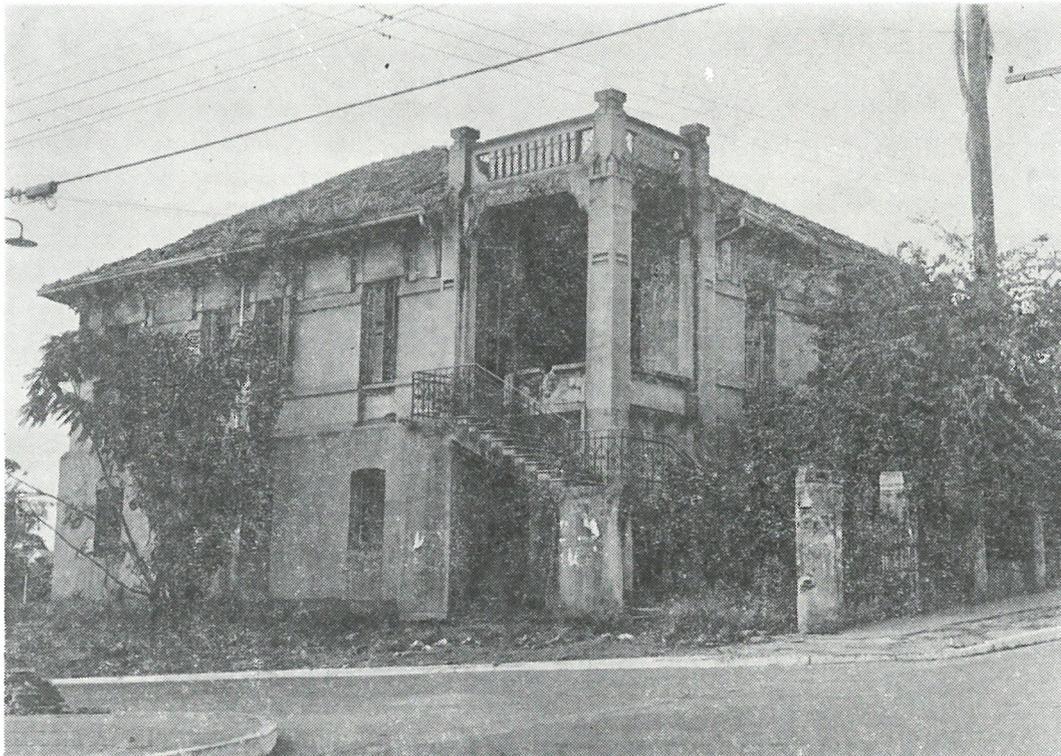
sobre a criação do Museu de História e Folclore, que uma vez discutido foi aprovado por unanimidade.

Já em 18 de abril de 1977, o chefe do executivo promulgava a lei n.º 1274, dispondo sobre a criação do Museu, ao mesmo tempo que criava as funções de Diretor-Técnico, Chefe da Secção de História, Chefe de Secção de Folclore, Museólogo, Restaurador, Bibliotecário e Arquivista, Datilógrafo e Servente. Posteriormente houve a mudança do cargo de datilógrafo para o de escriturário.

Com a assinatura, a 1º de agosto de 1977, do decreto n.º 1114/77, o Prefeito Municipal nomeou o Dr. José Sant'anna para o cargo de Diretor-Técnico do Museu de História e Folclore de Olímpia; pelo decreto n.º 1115/77, foi nomeado o Prof. Rothschild Mathias Netto, chefe da Secção de História e pelo de n.º 1116/77, foi nomeado o Dr. José Sant'anna, chefe da Secção de Folclore.

Em 14 de junho do ano seguinte, através do avulso 31/78, o vereador José Sant'anna apresentou o projeto de lei n.º 1625/78, dando ao organismo fundado no ano anterior, a denominação de Museu de História e Folclore «Maria Olímpia», aprovado em regime de urgência e por unanimidade, pela Câmara Municipal de Olímpia, na sessão de 30 de junho de 1978.

Em 5 de julho do mesmo ano, o prefeito Álvaro Cassiano Ayusso, sancionava a lei 1358/78, que dá ao Museu a denominação de Museu de História e Folclore «Maria Olímpia».



Com a aquisição do palacete construído por Giosué Tonâni foi dado mais um passo para a instalação definitiva do nosso Museu. Convenientemente restaurado o prédio, dentro em breve abrigará todo o acervo histórico e folclórico da nossa cidade, satisfazendo, desse modo, as aspirações de quantos, nesta terra, amam verdadeiramente a cultura.

Olimpia é a cidade encantadora e hospitaleira do interior do Estado de São Paulo, onde se realizam, anualmente, os famosos Festivais de Folclore. Por essa época, milhares de pessoas, vindas de todos os pontos do país, participam de sua festa tradicional. Este artigo tem por escopo responder à pergunta, geralmente, feita por turistas e curiosos.

POR QUE OLÍMPIA ?

A criação, em 1892, do distrito de Bebedouro, restituído a Jabuticabal, despojou o Município de Espírito Santo de Barretos de parte do seu imenso território. Restou-lhe, ainda assim, considerável superfície explorada por homens que haviam tomado posse de terras, no avanço do pioneirismo, durante todo o século XIX.

Entretanto, à proporção que os anos se passavam, o contínuo afluxo de outros indivíduos gulosos de terras férteis e campos vastos, vinha-se tornando séria ameaça aos legítimos direitos dos antigos posseiros, que mantendo as glebas abertas, não divididas, sentiram a necessidade de mandar demarcá-las.

Foi a época das grandes divisões de terras, em todo o Município, cuja porção menos desbravada, quase desconhecida, era o SERTÃO DOS OLHOS D'ÁGUA, cortado pelo Rio Turvo, pelo Ribeirão Cachoeirinha e por ampla rede de pequenos tributários.

Por esse tempo, a chamado de Jesuíno

da Silva Melo, chegaram a Barretos, os engenheiros ingleses Robert John Reid e Willian Leatherbarrow (1).

Coube-lhes inicialmente a tarefa de dividir a fazenda Palmeiras, que antes confiada a outros «dois agrimensores estrangeiros, estava paralizada».

Em 1896, já residiam, na vila, e compareciam a reuniões sociais. O alegre e espirituoso Tenente Martins chegou a fazer com que quebrassem «junto dele a sisudez britânica». «O Robert John Reid foi seu parceiro de catedetê havido na noite do casamento do Paião (José Martins de Araújo Camões)», jovem da sociedade barretense, em 4 de junho daquele ano.

O engenheiro Reid tornou-se amigo, a partir dessa época, do Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira, cearense, Promotor de Justiça, que viera fixar residência, na comarca. Exercera antes, idênticas funções, em Passos, «onde contraíra casamento com a senhorinha Maria Isoleta Carneiro».

Com o nascimento de uma criança, que seria a única filha do casal, o compadrio veio concorrer para estreitar ainda mais, os laços de amizade que ligavam o engenheiro ao promotor e à sua esposa. De fato fora o moço inglês convidado para padrinho da menina que se chamava Maria Olímpia, nascida em São Paulo, a 2 de fevereiro de 1897. Batizada pela tia D. Mariana Arantes e pelo Dr. Robert John Reid, veio para Barretos «com menos de quarenta dias».

Desse modo, o engenheiro já se tornara compadre do casal, quando os posseiros do Sertão dos Olhos D'água, foram buscá-lo para proceder à divisão de suas terras.

O processo divisório da fazenda teve início a 1º de novembro de 1897. Os inúmeros interesses, em jogo, e a extensa área a demarcar, contribuíram para que o término da divisão, somente se verificasse, alguns anos mais tarde,

isto é, a 7 de novembro de 1904.

Durante esse tempo, o engenheiro encontrou não poucos obstáculos e tomou contato com as enormes dificuldades em que vivia a gente sertaneja, estabelecida, aqui e ali, nas margens dos rios, à beira dos córregos, nas clareiras abertas, no fundo das matas. A maior de todas talvez fosse o abastecimento e o comércio dos produtos da lavoura e da pecuária. Nada, porém, mais terrível que os efeitos das moléstias tropicais e outras que abriam enormes claros entre os moradores. Além dos males comuns a que se haviam acostumado, toda a região esteve sempre sujeita a surtos epidêmicos. A mortalidade infantil atingia a índices inacreditáveis. A insalubridade aliada ao desconhecimento dos princípios mais elementares da higiene e à maneira de enfrentar as doenças, fazia com que seus habitantes se resignassem a pagar, anualmente, aos implacáveis inimigos do homem, o mais triste dos tributos. Eram levados a recorrer à medicina caseira e a crer na eficácia das «simpatias». O lúgubre espetáculo dos «BANGUÊS», cortando os estreitos caminhos, rumo à última morada, era comum para aqueles heróis anônimos do sertão.

O velho casarão, em ruínas, que o engenheiro Reid encontrou, à esquerda do córrego Olhos D'Água, e o cemitério, a que muitos trilhos conduziam, na margem direita, era a prova mais aterradora das precárias condições que o isolamento e as distâncias impunham a todos.

As vicissitudes de toda uma população, entregue à sua própria sorte, fez surgir, naquele homem culto e civilizado, a idéia da fundação de um núcleo — um comércio, como se dizia — que pudesse desenvolver-se e, com o tempo, trazer os benefícios do progresso, do conforto e segurança para as famílias ali reunidas. Empregou o engenheiro Reid toda a força de persuasão de que era capaz para convencer os condôminos da fazenda Olhos D'Água, da conveniência e das vantagens da criação do povoado. (2)

O primeiro a fornecer parte de suas terras, para a formação do patrimônio foi Joaquim Miguel dos Santos, e por sua interferência, conseguiu o moço inglês fazer com que os demais condôminos, descendentes todos eles do desbravador Antônio Joaquim dos Santos, doassem, igualmente, algumas nesgas de suas glebas.

À notícia dos primeiros passos para o estabelecimento do pequeno centro urbano, nas duas margens do córrego, os moradores ribeirinhos, tomados de entusiasmo, reuniram-se a 3 de maio de 1902, para erguer o cruzeiro.

Em 2 de março de 1903, era feita a doação de 100 alqueires de terras para a constituição do patrimônio de São João Batista dos Olhos D'Água, passada pelo 1º Tabelião Francisco de Almeida Silveiras, em Barretos. Somente a 9 de julho de 1903 seria a escritura registrada «às fls. 53, do livro 3 - I de Transcrição de Imóveis», data que consta nos «arquivos de documentação municipal» do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, como pode ser lida na

Enciclopédia dos Municípios, volume XXIX, página 200.

Pouco mais de três anos, após a formação do patrimônio, ou melhor, a 18 de dezembro de 1906, em atenção ao pedido do Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira, já então, político influente, em Barretos, como chefe do «Partido Pica-pau», criou o governo do Dr. Jorge Tibiriçá por força da lei Estadual nº 1035, o distrito, cuja sede foi, no dia seguinte, elevada à categoria de vila, com a denominação de Vila Olímpia.

Deveu-se a escolha do padroeiro, ao fato de os doadores serem devotos de São João, patrono da «fecundidade agrícola», porém, o nome Olímpia não foi, como pode parecer, tomado à homônima grega, em cujos santuários, se realizam de quatro em quatro anos, em honra de Júpiter — o maior dos deuses helênicos — importantes festividades e grandes jogos atléticos. Foi o Dr. Robert John Reid quem «solicitou ao Dr. Antônio Olímpio, que ao ser criado o distrito, fosse dado o nome de Vila Olímpia, em homenagem à Maria Olímpia».

O gesto elegante do engenheiro Reid, de escolher para a Vila, o nome da afilhada, por pouco, não chegou a ser anulado, quando num vaivém da política, na eleição de 14 de dezembro de 1907 a vitória sorriu ao «Partido Arara», de Silvestre de Lima. Em Olímpia, os seus partidários reuniram-se para exigir-lhe a mudança do nome da vila, já que lembrava a filha do adversário derrotado. Mas o chefe do Partido vencedor, recusou-se terminantemente a atender o pedido dos companheiros que foram a Barretos, em caravana, por parecer-lhe torpe vingança, atitude que bem revela a grandeza moral daquele homem, conhecido também pelos dotes excepcionais de inteligência.

(1) Dr. William Leatherbarrow traduziu o prenome e simplificou o sobrenome, passando a chamar-se Guilherme Leabarrow.

(2) Numerosas pessoas que escreveram sobre esse início da «Capital do Folclore», durante os 75 anos de sua existência têm repetido a importante participação do engenheiro Robert John Reid na fundação do povoado, depois vila e, finalmente, cidade.

Temos a firme convicção de que a «Memória Sobre Barretos», cuja primeira parte é dedicada à «Vila Olympia», publicada, em 1910, e reproduzida e atualizada, em 1917, foi a fonte de que se serviu o jornalista Paulo Ducatti, em 1940, para a edição do seu «Anuário Estatístico do Município de Olímpia», em que presta homenagem ao engenheiro Reid como «fundador de Olímpia». O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; as antigas «Guias dos Telefones»; revista «Paisagens do Brasil», de 1943; um artigo da série «A data da fundação de Olímpia, publicada na Voz do Povo», de 21 de fevereiro de 1953 (ano do cinquentenário da cidade) e vários jornais de Barretos até esta data, dão o engenheiro inglês como único fundador de Olímpia.

Muitas pessoas contribuíram para o extraordinário evento: o engenheiro Reid e os vinte e quatro doadores: João Francisco dos Reis

e sua mulher Inácia Eva de Jesus, Miguel Antônio dos Reis e sua mulher Carolina Luísa de Jesus, Mariana Francisca do Carmo, Mariana Inácia de Jesus, Francisco Miguel dos Santos, Antônio Miguel dos Santos, João Antônio de Campos, João Inácio de Sousa e sua mulher Francisca Flausina de Jesus, João Bonifácio da Freiria, Jerônimo Bonifácio dos Santos, Davi Osório dos Santos, Gabriel Garcia dos Santos, Jerônimo dos Santos e sua mulher Isabel Maria de Jesus, Miguel Viríssimo dos Santos, Marcolina Frausina da Freiria, Antônio Felisberto dos Santos, Joaquim Miguel dos Santos e sua mulher Querubina Maria de Jesus, Inês Rita de Jesus e Maria Generosa de Jesus.

O BATISMO DA VILA OLÍMPIA

“Não podia ser melhor e mais bonita a festa de São João dos Olhos d’ Água, no dia 20 de março: nunca vi um lugar que tivesse terras mais férteis e gente, tão trabalhadora e boa como aquela! O que era, há pouco meses, esse lugar? Nada: e agora está adiantando-se duma maneira assombrosa, devido especialmente aos esforços do inteligente Engenheiro Dr. Robert John Reid, que

trabalha sem descanso pelo progresso comercial, industrial e civil, daquele simpático arraial, que já está suscitando justas invejas das povoações circunvizinhas”.

“O zelo do senhor Dr. R. Reid está valiosamente secundado pelo nosso ilustre Deputado Dr. Antônio Olímpio que não deixa um só instante de dar provas de particular dedicação e amizade (bem merecidas) à povoação de São João dos Olhos D’ Água”.

“Pelo ponto em que está situada deverá ser a nova povoação a sede de uma Paróquia. Vaise abrir uma escola, ali já criada, e espera-se que em breve seja sede de um Distrito de Paz, com o nome de Vila Olímpia de São João dos Olhos D’ Água”.

(De “O Sertanejo” — Órgão do Partido Republicano, de Barretos, nº 199, de 27 de março de 1904).

Informa ainda o colaborador, oculto sob o pseudônimo de Nestore que “com esse bonito nome de Vila Olímpia, o Padre Coadjutor Ernesto Urbani “batizou aquele arraial, pronunciando um bem inspirado discurso, no dia da festa, perante muita gente, presidida pelos abastados fazendeiros Medeiros, e Mirandas e outros”.

DADOS BIOGRÁFICOS DE MARIA OLÍMPIA

MARIA OLÍMPIA RODRIGUES VIEIRA, nasceu em São Paulo, em 2 de fevereiro de 1897. Era filha do Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira, promotor de Justiça da Comarca de Barretos e de D. Isoleta Carneiro Vieira. Levada à pia batismal pela tia D. Mariana Arantes e pelo engenheiro inglês Dr. Robert John Reid, veio para a terra barretense “com menos de quarenta dias”.

Filhinha, como era conhecida na intimidade, contava apenas seis anos de idade quando o padrinho e vários doadores de terras fundaram o povoado de São João Batista dos Olhos D’ Água. A importante participação do engenheiro Reid na criação do novo núcleo urbano, justificava a mudança por ele, do nome do lugarejo para Vila Olímpia, como poucos meses depois passou a ser chamado, numa homenagem muito simpática à afilhadinha. Tanto assim que os jornais de Barretos de 1904 já se referiam à Vila Olímpia e em 26 de julho do mesmo ano, o Dr. Antônio Olímpio apresentava na Câmara dos Deputados, o projeto para a criação do Distrito da futura Vila Olímpia. Entretanto, somente a 18 de dezembro de 1906, em atenção ao pedido do chefe político “pica-pau”, criou o governo do Dr. Jorge Tibiriçá por “força da Lei

Estadual n.º 1035”, o distrito, cuja sede foi, no dia seguinte, elevada à categoria de vila, com a denominação, já consagrada pelo uso, de Vila Olímpia.

O gesto elegante [do engenheiro Reid, por pouco, não foi anulado quando, num vai-e-vem da política, na eleição de 14 de dezembro de 1907, a vitória sorriu, ao “partido arara”, de Silvestre de Lima. Em Vila Olímpia os seus partidários reuniram-se para exigir-lhe a mudança do nome da vila, já que lembrava a filha do adversário derrotado. Mas o chefe do partido vencedor, recusou-se terminantemente a atender o pedido dos companheiros que foram a Barretos, em caravana.

Já então atingida a idade escolar, Maria Olímpia seguiu com a mãe para São Paulo, indo ambas residir em casa de D. Mariana Arantes. Matriculada no Colégio das Irmãs do Coração de Jesus, que mais tarde passaria a chamar-se Colégio Madre Cabrini, fez ali todos os seu estudos.

Por essa época passava suas férias, em Barretos, em casa do Coronel Antônio Ferreira de Melo Nogueira e, muitas vezes, vinha para a Fazenda de Francisco de Melo Nogueira, em

Vila Olímpia. Numa dessas ocasiões dela se enamorou um moço, estudante de Direito, que depois de séria enfermidade, viera convalescer, em casa do pai Manoel Inocêncio Marcondes de Andrade que, aqui, abria farmácia, desde fins de 1912. O jovem acadêmico que se chamava Mário Vieira Marcondes, no mesmo ano de 1914 que conhece Maria Olímpia mais de perto, pois em São Paulo, apenas costumava a vê-la quando passava de bonde, dela se tornou noivo. Em fins de 1915, no terceiro ano, Mário Marcondes abandonou o curso jurídico, vindo definitivamente para Vila Olímpia. Aqui fundou um semanário, «O Momento», que era impresso, em Bebedouro.



A jovem Maria Olímpia

Em 11 de julho de 1916, o casamento de Mário e Maria Olímpia foi um acontecimento social de rara repercussão. Casado, abriu escritório de advocacia com o Dr. Antônio Olímpio que também o levou a mergulhar nas lutas da política partidária. A 10 de junho de 1917 nasceu a primeira filha do casal. A garotinha que se chamava Ana Olímpia, porém, viveu apenas um ano e seis meses. A segunda filha que como a mãe se chama Maria Olímpia veio a nascer em 23 de dezembro de 1920.

Em 1923, visitou-a o engenheiro Reid, que esperava levá-la a passeio, com a filha e o esposo, à sua bela chácara, em Campos do Jordão.

Em 10 de junho de 1924 apareceu-lhe a terrível doença que acabaria por deixá-la entredada. Durante anos conheceu os mais atrozes sofrimentos. Indo para São Paulo, ali foi vê-la o Dr. Reid, que sempre a tratara com ternura e atenção.

Depois de anos de padecimentos e imobilidade, sempre acompanhada de uma enfermeira, foi residir na Fazenda Moreira, próxima ao Frigorífico, arrendada por Mário Marcondes. A propriedade rural deu-lhe novas forças e como era dotada de enorme força de vontade, conseguiu o que parecia impossível: começou a andar, embora com grande dificuldade. Pôde então dispensar a enfermeira e ali permaneceu por um ano.

Em 1930 seguiu Maria Olímpia para São Paulo. Esteve durante seis meses, em tratamento, pois precisava de cuidados médicos especiais até o nascimento do filho que veio ao mundo em 3 dezembro daquele ano. Somente com uma cesariana pôde ela salvar-se e salvar o filho que recebeu o nome de Mário Vieira Marcondes Filho.

Depois do nascimento de Marinho, de Olímpia, vieram buscar Mário Marcondes que voltou a fazer política na cidade de que fora primeiro Prefeito, cargo que ocupou por mais três vezes e foi Vereador, Presidente da Câmara e Oficial do Registro de Imóveis.

Maria Olímpia voltou assim à sua cidade. Posteriormente se mudou novamente para Barretos, onde Mário Marcondes se dedicou por alguns anos à agricultura, só voltando à luta partidária por ocasião da campanha a favor do Dr. Ademar Pereira de Barros. Com a vitória ademarista foi ele nomeado prefeito, cargo que ocupou durante um ano, sendo eleito, em seguida, vereador e, em conseqüência, Presidente da Câmara Municipal de Barretos. Candidatou-se, por último, ao cargo de prefeito e venceu por larga margem de votos. Nesse posto, entretanto, não pôde exercer efetivamente as suas atividades: insidiosa moléstia prendeu-o ao leito e levou-o à sepultura. Faleceu na Fazenda Boa Esperança, de seu genro Arnold Bule Júnior, em Monte Verde Paulista, às 16 horas e 30 minutos do dia 27 de abril de 1952, tendo sido sepultado no Cemitério São João Batista, de Olímpia.



Maria Olímpia nos últimos anos

Viúva, Maria Olímpia Rodrigues Vieira Marcondes ainda viveu vários anos, pois veio a falecer em 14 de novembro de 1969, tendo sido sepultada no Cemitério da Consolação, em São Paulo. Fora uma criança feliz e uma bela mulher. Experimentara momentos de grandes alegrias e horas de insuportáveis sofrimentos. Como filha e esposa de políticos habituara-se com os dias de triunfo, mas também com o gosto amargo das derrotas. Contudo, de toda a sua vida ainda lhe ficara um saldo favorável. Empres-tara o nome a uma linda cidade: **OLÍMPIA**.

Rothschild Mathias Netto

FACULDADE DE FOLCLORE

A FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO DE OLÍMPIA deseja criar e instalar uma faculdade cujo escopo é a formação de pesquisadores de FOLCLORE. A inauguração do novo prédio do MUSEU DE HISTÓRIA E FOLCLORE "MARIA OLÍMPIA" pode ser vista como um dos primeiros passos para a consecução do nosso

objetivo e, mais, o PREFEITO MUNICIPAL ÁLVARO CASSIANO AYUSSO baixou o Decreto nº 1172, de 6 janeiro de 1978, oficializando o Seminário «Projeto de Currículo para a Licenciatura em Folclore», cujo relatório será publicado oportunamente.



Grupo que elaborou o relatório final

Da esquerda para a direita: Prof. José Sant'anna, Prof. Saul Alves Martins, Prof. Rothschild Mathias Netto e Antônio Clemêncio da Silva.

O Decreto baixado pelo Chefe do Executivo do Município é do teor seguinte:

DECRETO N.º 1172, DE 6 DE JANEIRO DE 1978

Oficializa o Seminário «Projeto de Currículo Para Licenciatura em Folclore»

ÁLVARO CASSIANO AYUSSO, Prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, etc., usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

DECRETA:

ARTIGO 1º - Fica oficializado o Seminário "PROJETO DE CURRÍCULO PARA LICENCIATURA EM FOLCLORE", cuja organização é a seguinte:

Seminário: Projeto de Currículo para Licenciatura em Folclore

Data : De 16 a 28 de janeiro de 1978

Promoção: Comissão de Folclore (Conselho Municipal de Cultura) e Comissão de Educação—Prefeitura Municipal de Olímpia

Colaboração: Departamento de Sociologia e Antropologia da FAFICH—UFMG - Secretária-Executiva da Comissão Mineira de Folclore

Objetivos: 1 - Promover o encontro de educadores e especialistas em Folclore para discutir a viabilidade e necessidade de instalação de uma Faculdade de Folclore.

2 - Coletar sugestões para a elaboração do currículo de Licenciatura Plena em Folclore, submetendo-as à crítica dos debatedores e apreciação do plenário.

3 - Documentar os resultados das comunicações e debates havidos durante o Seminário.

Local : Sala-de-reuniões da Prefeitura Municipal de Olímpia - Praça Rui Barbosa, 54

Cronograma: 1º período: 3 horas

Das 7:30 h às 11 h

Intervalo: das 9:30 h às 10 h

2º período: 4 horas

Das 13 h às 17:30 h

Intervalo: das 15 h às 15:30 h

Presidente : Álvaro Cassiano Ayusso

Assessoria : José Sant'anna

Laura Della Mônica

Saul Alves Martins

SECRETÁRIO-GERAL: Rothschild Mathias Netto
Calendário - Programa

Mês de janeiro de 1978

Dia 16 (segunda-feira)

Às 7:30 horas

Abertura solene pelo senhor Prefeito Municipal

Às 8:30 horas

Elenco de Disciplinas e Programas

1) Departamento de Folklore

Folklore I (a ciência)

EXPOSITOR: Saul Alves Martins

Às 10 h

Debatedores: José Sant'anna

Laura Della Mônica

Às 13 h

Folklore II (no Brasil)

EXPOSITOR: Saul Alves Martins

Às 14 h

Debatedores: José Sant'anna

Laura Della Mônica

Às 15:30 h

Folklore Verbal

EXPOSITOR: José Sant'anna

Às 16:30 h

Debatedores: Laura Della Mônica

Saul Alves Martins

Dia 17 (terça-feira)

Às 7:30 h

Folklore Musical

EXPOSITOR: Laura Della Mônica

Às 8:30 h

Debatedores: Maria Aparecida de Araújo Manzólli

Saul Alves Martins

Às 10 h

Folklore Mágico

EXPOSITOR: Saul Alves Martins

Às 13 h

Debatedores: José Sant'anna

Laura Della Mônica

Às 14 h

Folklore de Devoções

EXPOSITOR: José Sant'anna

Às 15:30 h

Debatedores: Laura Della Mônica

Saul Alves Martins

Às 16:30 h

Folklore Ergológico

EXPOSITOR: Laura Della Mônica

Dia 18 (quarta-feira)

Às 7:30 h

Debatedores: José Sant'anna

Saul Alves Martins

Às 8:30 h

Arte e Artesanato Folclóricos

EXPOSITOR: Saul Alves Martins

Às 10 h

Debatedores: José Sant'anna

Laura Della Mônica

Às 13 h

Folklore na Literatura Brasileira

EXPOSITOR: Cármen Lúcia Zambon Firmino

Às 14 h

Debatedores: José Sant'anna

Maurício César Alves
Pereira

Às 15:30 h

Painel Aberto (participantes)

Às 16:30 h

Relatório das Atividades

Dia 19 (quinta-feira)

Elenco de Disciplinas e Programas

2) Departamento de Ciências Humanas

Às 7:30 h

Antropologia I (conceitos fundamentais)

EXPOSITOR: Saul Alves Martins

Às 8:30 h

Debatedores: Palmira Marcelina Degas-

peri Rodrigues

Laura Della Mônica

Às 10 h

Antropologia II (Desenvolvimento do pensamento antropológico)

EXPOSITOR: Saul Alves Martins

Às 13 h

Debatedores: Paulo Martin Pereira

Tereza Coletto Souza

Às 14 h

Cultura Brasileira

EXPOSITOR: Saul Alves Martins

Às 15:30 h

Debatedores: José Sant'anna

Palmira Marcelina Degas-

peri Rodrigues

Às 16:30 h

História da Arte

EXPOSITOR: Paulo Martin Pereira

Dia 20 (sexta-feira)

Às 7:30 h

Debatedores: Jamile Japur

Cármen Lúcia Zambon Firmino

Às 8:30 h

História Geral

EXPOSITOR: Nilza Tonani Tolfo

Às 10 h

Debatedores: Iseh Bueno de Camargo

Tereza Coletto Souza

Às 13 h

História do Brasil

EXPOSITOR: Nilza Tonani Tolfo

Às 14 h

Debatedores: Iseh Bueno de Camargo

Palmira Marcelina Degas-

peri Rodrigues

Às 15:30 h

Língua Portuguesa

EXPOSITOR: Cármen Lúcia Zambon Firmino

Às 16:30 h

Debatedores: Ivo de Souza

José Sant'anna

Dia 21 (Sábado)

Às 7:30 h

Sociologia Geral

EXPOSITOR: Palmira Marcelina Degasperi

Rodrigues

Às 8:30 h

Debatedores: Iseh Bueno de Camargo

Tereza Coletto Souza

Às 10 h

Estudos de Problemas Brasileiros

EXPOSITOR: Ademar de Barros

Às 13 h

Debatedores: Alfredo Baiocchi Netto
Rothschild Mathias Netto

Às 14 h

Fundamentos de Filosofia
EXPOSITOR: Palmira Marcelina Degasperi
Rodrigues

Às 15:30 h

Debatedores: Paulino Rodrigues
Tereza Coletto Souza

Às 16:30 h

Ética
EXPOSITOR: Palmira Marcelina Degasperi
Rodrigues
Dia 23 (segunda-feira)

Às 7:30 h

Debatedores: Paulo Martin Pereira
Iseh Bueno de Camargo

Às 8:30 h

Metodologia Científica
EXPOSITOR: Palmira Marcelina Degasperi Rodrigues

Às 10 h

Debatedores: Paulo Martin Pereira
Carmem Corte dos Santos
Moro

Às 13 h

**Métodos e Técnicas de Pesquisa em Folklore I
(Teoria)**
EXPOSITOR: Saul Alves Martins

Às 14 h

Debatedores: José Sant'anna
Laura Della Mônica

Às 15:30 h

**Métodos e Técnicas de Pesquisa em Folklore II
(Prática)**
EXPOSITOR: Saul Alves Martins

Às 16:30 h

Debatedores: José Sant'anna
Laura Della Mônica
Dia 24 (terça-feira)

Às 7:30 h

Noções de Museologia, Biblioteconomia e Arquivística
EXPOSITOR: Sueli Maria Marques Lemos

Às 8:30 h

Debatedores: Jamile Japur
Maria Giuseppe Scura de
Almeida

Às 10 h

Geografia do Brasil
EXPOSITOR: Valdecir Casagrande

Às 13 h

Debatedores: Maria Helena Dias Borges
Nilza Tonani Tolfo

Às 14 h

Geografia Turística
EXPOSITOR: Maria Helena Dias Borges

Às 15:30 h

Debatedores: Laura Della Mônica
Valdecir Casagrande

Às 16:30 h

Estatística Aplicada à Pesquisa do Folklore
EXPOSITOR: Rothschild Mathias Netto
Dia 25 (quarta-feira)

Às 7:30 h

Debatedores: Maria Cecília Cosentino
Franco

Neli Sônia de Carvalho
Aguiar

As 8:30 h

Painel Aberto (participantes)

Às 10 h

Relatório das Atividades

Às 13 h

Elenco de Disciplinas e Programas
3) Departamento de Educação

Educação Física
EXPOSITOR: Luiz Sérgio Bailão

Às 14 h

Debatedores: Neves Manfré Santos
Maria Cristina Bardari

Às 15:30 h

Psicologia da Educação
EXPOSITOR: Iseh Bueno de Camargo

Às 16:30 h

Debatedores: Anadir Fachine Dias
Tereza Coletto Souza

Dia 26 (quinta-feira)

Às 7:30 h

Estrutura e Funcionamento de Ensino de 1.º e 2.º Graus
EXPOSITOR: Carmem Corte dos Santos Moro

Às 8:30 h

Debatedores: Altino Robazzi
Anadir Fachine Dias

Às 10 h

Aproveitamento do Folklore na Educação
EXPOSITOR: Maria Aparecida de Araújo Manzólli

Às 13 h

Debatedores: Elsa Maria Pereira da
Cunha
Maria de Lourdes Penalva
Monteiro

Às 14 h

Didática
EXPOSITOR: Anadir Fachine Dias

Às 15:30 h

Debatedores: Iseh Bueno de Camargo
Tereza Coletto Souza

Às 16:30 h

Prática de Ensino
EXPOSITOR: Anadir Fachine Dias
Dia 27 (sexta-feira)

Às 7:30 h

Debatedores: Iseh Bueno de Camargo
Tereza Coletto Souza

Às 8:30 h

Painel Aberto (participantes)

Às 10 h

Relatório das Atividades

Às 13 h

Sessão Especial: visita ao prédio onde deverá
ser instalada a Faculdade de
Folclore — Museu e Biblioteca.

Dia 28 (sábado)

Às 7:30 h

**Análise Diagnóstica, Justificativa, Meios
Auxiliares e Considerações Finais para a criação
da Escola.**
EXPOSITOR: Rothschild Mathias Netto

Às 10 h

Debatedores: José Sant'anna
Laura Della Mônica
Palmira Marcelina Degasperri
Rodrigues
Paulino Rodrigues
Maria Giuseppe Scura de
Almeida
Saul Alves Martins

Às 13 h

Painel Aberto (participantes)

Às 14 h

Relatório das Atividades

Às 16:30 h

Sessão de encerramento pelo senhor
prefeito municipal.

OBSERVAÇÕES:

1) Os **assessores** orientam, esquematizam
uma sistemática de controle para exposição e
debates dos assuntos.

2) Os **expositores** e **debatedores** foram con-
vidados de acordo com o conceito de que des-
frutam na comunidade em relação aos assuntos
a serem abordados.

3) Entende-se por **Painel Aberto** a opor-
tunidade de comunicação de todos os partici-
pantes.

4) Serão conferidos **Certificados** a todos
os candidatos inscritos que se fizerem presentes
em todas as sessões do Seminário.

Período de Inscrição: De 9 a 14 de janeiro de 1978.

Local: Sala-de-reuniões da Prefeitura Municipal
Praça Rui Barbosa, 54 — Andar Supe-
rior

Telefones: 81-1928, 81-1931 e 81-1941

Horário: Das 8 às 11 h e das 14 às 17 h

**RESPONSÁVEL PELA INSCRIÇÃO E REGISTRO
DE CERTIFICADOS:** Antônio Clemêncio da Sil-
va

Nota: As fichas de inscrição deverão ser acompa-
nhadas de fotocópia da Carteira de Identidade.

ARTIGO 2.º — Este decreto entrará
em vigor na data de sua publicação, revogadas
as disposições em contrário.

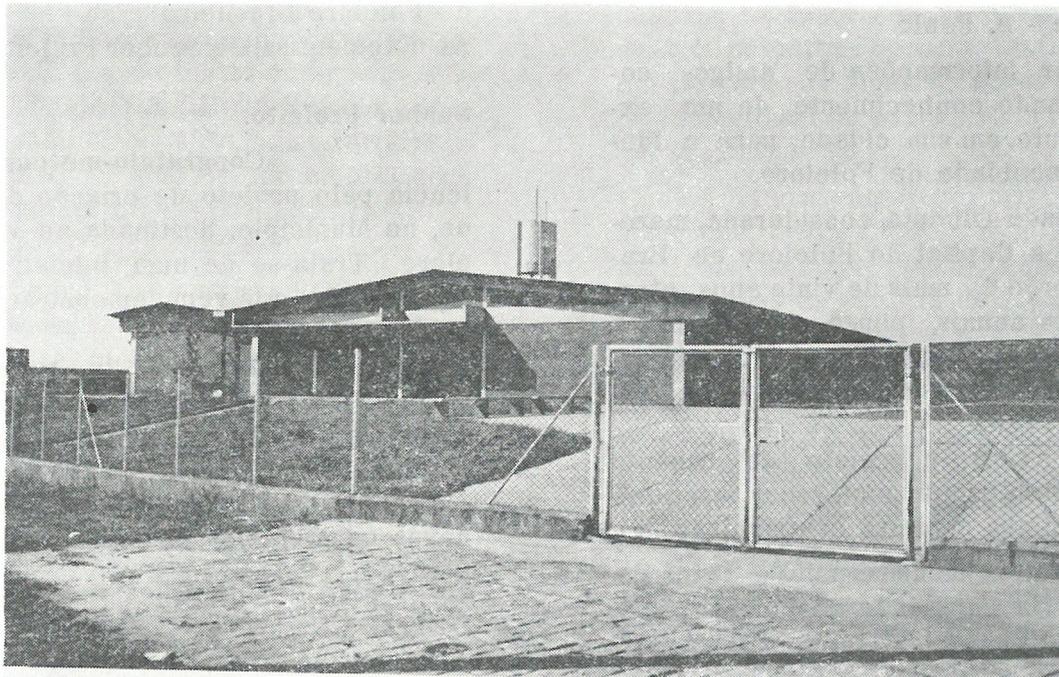
Registre-se e publique-se.

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 6
de janeiro de 1978.

a) Álvaro Cassiano Ayusso
Prefeito Municipal

Publicado e registrado na Diretoria
Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de
Olímpia, em 6 de janeiro de 1978.

a) Lázaro Roberto Ferreira
Diretor Geral



Fachada do Prédio onde funcionará a Faculdade de Folclore

São numerosas as missivas recebidas
pelo prefeito Álvaro Cassiano Ayusso, com estí-
mulos e aplausos, de autoria de folcloristas,
professores universitários e autoridades, em vir-
tude de terem sido dados os primeiros passos
para a criação de uma Faculdade de Folclore,
em Olímpia.

Toda a correspondência recebida, além
de nos proporcionar a maior alegria, servirá de

iniciativa para a completa realização do grande
sonho.

As moções, abaixo-transcritas, darão
aos leitores a idéia de como foi recebida em
todo o país, a iniciativa de elevada significação
que será um estabelecimento de ensino superior,
dedicado exclusivamente ao Folclore, ainda não
existente no Brasil.

Vitória, 20 de março de 1978

Ilmo. Sr.

Álvaro Cassiano Ayusso
Prefeito Municipal de Olímpia

Ilmo. Sr. Prefeito:

Recebemos, com a maior satisfação, o ofício de V. S.^a, através do qual nos comunica a criação, em Olímpia, da FACULDADE DE FOLCLORE.

Essa iniciativa pioneira faz jus aos aplausos de todos aqueles que, como nós, consideram a importância do Folclore como ciência que merece o apoio e o ressaltado que ora lhe dá a Prefeitura de Olímpia, sob sua criteriosa e dinâmica Direção.

Reiteramos, aqui, os nossos louvores, extensivos à Fundação Educacional do Município de Olímpia, na esperança de que tal iniciativa sirva de exemplo a todos os demais municípios do Brasil.

Anteciosas saudações

a) **Guilherme Santos Neves**
(Comissão Espírito-Santense de Folclore)

Natal, 21 março, 1978.

Ilmo. Sr. Prefeito

Álvaro Cassiano Ayusso
Olímpia - S. Paulo

Por informações de amigos comuns, estou tomando conhecimento de um expressivo movimento, em sua cidade, para a fundação de uma Faculdade de Folclore.

Sendo Olímpia considerada, merecidamente, como a Capital do Folclore no Brasil, pelo seu esforço de mais de vinte anos, através de promoções anuais, penso que nenhuma outra cidade brasileira estava mais indicada para a instalação de uma escola superior na especialidade.

Considero o projeto de urgente necessidade e estou pronto a oferecer, em qualquer sentido, a minha modesta contribuição.

Com os meus respeito e votos de breve instalação da Faculdade de Folclore, saúdo-o cordialmente,

a) **Veríssimo de Melo**
(Comissão Riograndense do Norte de Folclore)

Manaus, 24 de março de 1978

Sr. Álvaro Cassiano Ayusso

M. D. Prefeito Municipal de Olímpia

Reiterando os meus agradecimentos pela maneira assaz elogiável com que vem encarando o problema Folclore Nacional, já pela dinamização das tradições populares nos famosos Festivais de Olímpia, já apelando para o instrumento publicitário, desejo expressar o quanto de oportuno e necessário seria a criação e ins-

talação de uma Faculdade de Folclore nesse Município altamente progressista. Essa implantação seria, a nosso ver, a maneira mais eficaz de provar o enorme interesse que as autoridades dispensam àquelas manifestações humanas que há muito transcenderam do âmbito do meramente curioso para a atmosfera da ciência. Apoiando a iniciativa da criação de uma Faculdade do Folclore no Município de Olímpia, declaro de suma necessidade essa idéia que concretiza as aspirações de centenas de usuários e cuja realização advoga também em favor de uma maior conscientização do Folclore ciência, principalmente num Estado como São Paulo, que marcha à frente das conquistas materiais e espirituais.

Sirva-se Vossa Senhoria, Sr. Prefeito Municipal, aceitar meus protestos de alta consideração e apreço juntamente com a minha total solidariedade intelectual à idéia. Junto a esta o apoio geral da Comissão Amazonense de Folclore.

Atenciosamente,

a) **Mário Ypiranga Monteiro**
(Comissão Amazonense de Folclore)

Do Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro
Ao Excelentíssimo Senhor Prefeito de Olímpia/SP

Senhor Prefeito:

Congratulo-me com Vossa Excelência pelo projeto de criação de uma Faculdade, no Município, destinada ao ensino do Folclore. Trata-se de uma iniciativa de elevada significação, que vem demonstrar o interesse pela cultura popular.

Gostaria de receber cópia do «Projeto de Currículo para Licenciatura em Folclore» para conhecimento pormenorizado do projeto.

Aproveito a oportunidade para renovar os protestos de estima e elevada consideração.

a) **Bráulio do Nascimento**
(Diretor-Executivo)

Ao Excelentíssimo Senhor
Álvaro Cassiano Ayusso
Prefeito Municipal de Olímpia
Pça Rui Barbosa, 54
Olímpia - SP

Em 11-V-78.

Eminente Prefeito de Olímpia,

Sr. **ÁLVARO CASSIANO AYUSSO**

Muito saudar.

As minhas congratulações efusivas incluem a solidariedade imediata e lógica à FACULDADE DE FOLCLORE em Olímpia, que se

fez por deliberação consciente, a linda Capital do Folclore no Brasil autêntico. Mais uma vez, **Non ducor, duco!**

A confusão pejorativa para o entendimento estudioso do FOLCLORE está no seu título inglês de 1846, inseparável no uso festivo ou erudito. Traduzindo-o, valoriza-o a Evidência da utilidade analítica: **CULTURA POPULAR!** e não limitado ao registro condescendente de regionalismos pitorescos, lúdica do Interior retardatário, constatação de curiosidades sobreviventes e seculares. Para uso turístico... Mais de sessenta anos dediquei meu esforço provinciano, numa obstinação de jumento do Seridó, a demonstrar que as atividades indispensáveis ao Deus Progresso, mesmo o esplendor da Mecânica condicionadora da Vida Moderna; os poderosos mistérios da Mentalidade e da Inspiração, individual ou coletiva, tudo quanto constitui a dinâmica da Convivência emerge da tradição milenar da Comunidade humana, que a Ecologia caracteriza sem anular a distinção nacional.

O estudo do FOLCLORE será a notoriedade consciente do nosso patrimônio hereditário, transmitido e perene no milagre da Oralidade e no exercício diário do Costume, a Cultura Inicial, o Legislador instintivo. É a genealogia dos Atos Antepassados, motores dos Contemporâneos, o jubiloso conhecimento das raízes que explicam a flor e o fruto. É a única fórmula de intimidade com os milênios criadores da diuturnidade. É quanto tentei expor nos dois tomos do **CIVILIZAÇÃO E CULTURA**, Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1973, na **HISTÓRIA DOS NOSSOS GESTOS**, Ed. Melhoramentos de S. Paulo, 1976, no painel do **DICIONÁRIO DO FOLCLORE BRASILEIRO**, dois tomos, 1972.

Enfim, como se lê no Evangelho de São João: - **aquele que vem da Terra é da Terra e fala da Terra!** Fala, ama, perquire, glorifica o Antecedente. O Antecedente é o Folclore...

Para meu sereno orgulho, brasileiro e octogenário, **JOGOS OLÍMPICOS** referir-se-ão aos congressos, encontros, cursos, realizados em **OLÍMPIA**, terra brasileira de São Paulo.

Votos pela sua tenacidade, alegria, esperança, êxito, permanentes!

Atenciosamente

a) **Luis da Câmara Cascudo**
(Sociedade Brasileira de Folclore)

Recife, 18 de maio de 1978.

Ilmo. Sr. **ÁLVARO CASSIANO AYUSSO**
D. D. Prefeito Municipal de Olímpia
OLÍMPIA -São Paulo

Prezado senhor:

Por intermédio de amigos paulistas, tomei conhecimento da iniciativa de V. Sa. com referência à criação da Faculdade de Folclore de Olímpia, que fará com que todos os folclo-

ristas do Brasil tirem seus chapéus ao gesto pioneiro de um prefeito portador não somente de tino administrativo, conforme fui informado, mas também de sensibilidade para com as coisas do espírito, da brasilidade, da tradicionalidade de nosso país.

Que outros homens públicos sigam o exemplo de V Sa., são os meus votos, para, assim, termos uma Pátria unida, cultivando e valorizando suas tradições e suas raízes.

Aceite V. Sa. meus parabéns, votos que também dirijo à população de Olímpia que soube tão bem escolher seu Prefeito.

Atenciosamente,

a) **Mário Souto Maior**
(Diretor do Centro de Estudos Folclóricos do IJNPS)

DECLARAÇÃO

Declaro, para todos os fins, que a criação de uma escola de folclore em nível superior será bastante útil: além de formar pesquisadores capazes de fazer com bom êxito levantamentos dentro da cultura popular, diplomará licenciados em folclore, os quais se encarregarão do ensino da disciplina nos mais diversos cursos existentes no Brasil.

Para comprovar sua importância, basta dizer que, nesta Capital, folclore é oferecido a partir do segundo grau. Aqui, realmente, em quase todas as escolas de formação e no Instituto Técnico Executivo se ensina a referida matéria, assim como no Curso de Ciências Sociais, no de Comunicação, na Escola de Música e no Mestrado de Filosofia, todas da UFMG. E, ainda, na Escola de Turismo, também de nível superior.

A disciplina folclore entrará no ciclo básico da Escola de Educação Artística e no currículo obrigatório da de Teatro, ambas de nível superior e em fase de estruturação na Universidade Federal de Minas Gerais, com minha participação.

Sei que a procura de regentes para a disciplina é maior do que a oferta, dada a carência de especialista. Por isso, não apenas Olímpia-SP se movimenta no sentido de criar uma escola de folclore em nível superior, também Guarujá - SP, Belo Horizonte e agora, bem recentemente, a Universidade Federal de Viçosa pensam fundar tais cursos.

Belo Horizonte, 16 de fevereiro de 1978

a) **Saul Alves Martins**

Da Universidade Federal de Minas Gerais
Secretário-Executivo da Comissão Mineira de Folclore

Florianópolis, 22 de março de 1978

Of. 016/03/78

Do Presidente da Comissão Catarinense de Folclore

Ao
Exmo. Senhor Prefeito Municipal de Olímpia

Senhor Prefeito

É auspiciosa a notícia que acabo de receber: está a Fundação Educacional deste Município reivindicando junto aos Poderes competentes a criação de uma Faculdade de Folclore.

Em nome da Comissão Catarinense de Folclore e do meu próprio, na qualidade de Presidente desta Comissão, damos o nosso irrestrito apoio a essa justa e merecida reivindicação, que vem ao encontro de anseios da Comunidade Cultural desse Município.

O passado de lutas encetado por todos que aí se dedicam ao estudo e promoção das manifestações da nossa Cultura Popular, é o atestado merecedor do apoio que emprestamos a essa justíssima causa.

Efetivar-se-á desse modo, o anseio do Prof. Renato Almeida, decano do Folclore Brasileiro, de ver criada a primeira Faculdade de Folclore no Brasil.

Aceite V. Ex.^a e os demais integrantes dessa Instituição Cultural, as congratulações desta Comissão, na efetiva realização do propósito em que todos estão imbuídos.

Com nossos protestos de estima, apreço e distinta consideração, mui atenciosamente,

a) Doralécio Soares

- Presidente -

Ao Exmo.

Álvaro Cassiano Ayusso

DD. Prefeito Municipal de Olímpia

São Paulo

OLÍMPIA E O PROJETO DE LICENCIATURA EM FOLCLORE

PARECER

Durante muitos anos, alguns dos mais eminentes mestres da Ciência do Folclore, no Brasil, se bateram pela inclusão de uma cadeira dessa disciplina, em nível superior ou secundário, nos currículos das antigas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, Escolas Normais, Institutos de Educação, Conservatórios Musicais e Cursos de Pedagogia (atual ensino de segundo e terceiro graus).

Entre os mais conhecidos nomes que há bem trinta anos se revezavam na tarefa de discutir, defender, explicar, através da imprensa,

em artigos e mesmo livros, pela cátedra, em palestras, conferências e todas as oportunidades de debate cultural, lembramos o do Ministro RENATO ALMEIDA, da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro; o Prof. MANOEL DIEGUES JÚNIOR, atual diretor-executivo da FUNARTE (M.E.C.), de ROSSINI TAVARES DE LIMA, presidente da Associação Brasileira de Folclore, de Antônio OSMAR GOMES, para só citar alguns vivos, sem esquecer aqueles grandes folcloristas que foram simpáticos à mesma idéia, como MÁRIO DE ANDRADE, JOÃO RIBEIRO, AMADEU AMARAL.

Depois de muita luta, a idéia vingou, encampada por algumas Escolas Superiores, oficiais e particulares e mesmo nas escolas de segundo grau, junto às chamadas «disciplinas sociais»: Artes, Música, Comunicação, Educação, Sociologia, Antropologia Cultural, História, etc. Mas não em todas. Com maior obrigatoriedade nos Conservatórios Musicais, onde integra o currículo, embora de maneira escassa.

Presidiu a idéia, a convicção hoje não mais posta em dúvida, de que o estudo das, outrora, chamadas «antigüidades vulgares», ou «antigüidades populares», — como as batizou em meados do século passado o arqueólogo inglês WILLIAM JOHN THOMS (criador da palavra «folk-lore» e fundador da ciência) — exigir, para ser levada a sério e alcançar seus fins, conceituação do objeto a estudar, definição dos métodos e delimitação do campo de pesquisas.

Foi necessário praticamente meio século, para que cientistas sociais de renome, na Europa e no novo mundo, vissem no Saber Popular algo mais do que um simples método, ou passatempo para diletantes de História, poetas menores, saudosistas e amadores do que costumamos chamar de tradições populares; e quase outro tanto, para que, no Brasil, alguns conseguissem separar o Folclore — disciplina tratada ao nível da Antropologia Social ou Cultural — da literatura sem compromissos, da crônica histórica, das memórias e diários, ou meras referências a coisas do passado, que não mais existem nem voltam mais, apesar do desejo de muitos em vê-las resuscitadas.

Depois de mais de um século de a palavra e a disciplina terem surgidos na Inglaterra, e dado a volta ao Mundo, mesmo assim grande parte dos que se aproximam do Folclore, fazem-no sem imaginar os problemas que envolvem a descrição, comparação, identificação e interpretação dos fatos da cultura popular espontânea (como definimos o folclore), que é, antes de mais nada, atual, vivo, dinâmico, sujeito a modificações e adaptações, como qualquer fenômeno social.

Tais problemas são tanto mais ignorados por aqueles que não dispõem da necessária formação metodológica e acadêmica, que nem sempre podem ser supridos pelo autodidatismo e só se consegue à custa de estudos regulares, junto às Faculdades ou Universidades.

Tal despreparo é que leva muitos observadores e o comum dos intelectualmente curiosos a confundir o folclore real, genuíno, autêntico, merecedor de estudo sistematizado, com o produto comercializado, imposto pela sociedade de consumo, produzido para o turismo, que nos impinge o falso folclórico, expresso desde as vestimentas das "falsas baianas" do teatro rebolado e dos "shows" de cinema, TV, circo e desfiles cívico-escolares, até à falsa música "caipira" das gravações conhecidas e as festas "caipiras" da cidade, a fala "caipira" artificial das comédias (ou tragédia) de Mazzaropi ou dos discos fabricados em série para um público mal informado que ignora o seu próprio folclore. Em semelhantes enganos e equívoco incorrem até mesmo os que lidam com o problema: professores e pesquisadores, autores de livros, ensaios, monografias, artigos, reportagens e filmes de folclore, como poderia ser demonstrado, na hipótese de uma análise bibliográfica ou filmográfica.

A falha se prende, inclusive, à falta de elementos preparados para, não somente darem os rudimentos conceituais e definições precisas nas escolas e cursos, como ainda esclarecer os leitores e apreciadores do gênero, tanto quanto orientar jornais e revistas, produtores de cinema e do teatro, programadores de rádio, da televisão e, principalmente do cinema educativo.

Os que podem fazê-lo não são muitos. E os poucos que o fazem nem sempre têm condições didático-pedagógicas para tanto.

Alguns folcloristas, autodidatas mais talentosos ou com cursos livres realizados, por exemplo, na Escola de Folclore de São Paulo, junto ao Museu de Folclore da Associação Brasileira de Folclore, ou ainda nos Cursos Intensivos, promovidos pelas Secretarias de Cultura dos Municípios, com o apoio do Ministério da Educação e Cultura ou das Secretarias ou Departamentos de Educação e Cultura dos Estados (em São Paulo a SCCT e Conselho Estadual de Cultura), alguns desses folcloristas, repetimos, acreditam que a falha poderá ser sanada, no momento em que tivermos Faculdade de Folclore, ou Escolas de nível Superior, com currículo específico, para formar bacharéis ou cientistas, pesquisadores em grau universitário de Folclore, assim como temos os licenciados em Letras, Educação, Ciências e os bacharéis em Direito, Economia ou Administração, Jornalismo, Música e Ciências Humanas. Entre os que assim pensam, destacam-se os professores da FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO DE OLÍMPIA, cidade do interior paulista que se tornou merecidamente conhecida em todo o Brasil, por realizar, há muitos anos, um Festival de Folclore, idealizado, impulsionado e concretizado pelo folclorista Prof. JOSÉ SANT'ANNA.

Não por outra razão, Olímpia ficou conhecida como a «Capital do Folclore», e, apesar das restrições feitas por alguns mestres ao

seu famosíssimo Festival, pelas implicações já «meio artificiosas», dizem, é inegável que essa promoção conseguiu e consegue despertar as atenções para o problema da cultura popular espontânea nacional, ainda que isso implique em alguma polêmica.

De Olímpia, portanto, da FEMO, do Prefeito Municipal Sr. ÁLVARO CASSIANO AYUSSO, dos folcloristas da região, é que nos chegam os Planos da criação de uma Faculdade de Folclore, que seria a primeira do País. Como, quando, e com quê? Não podemos adiantar em minúcias, já que dependerá de um processo. Mas é de crer que venha a instalar-se e, uma vez criada a primeira, sirva ela de exemplo às mais.

O conteúdo do Folclore é vastíssimo, e nem uma vida inteira consagrada ao seu estudo conseguirá esgotar toda a riqueza que o folclore de uma cidade, de um município, de uma província, região, país ou continente pode oferecer. E há ainda os problemas teóricos, intrincados, que nem um dos mestres de ontem solucionou integralmente, nem os de hoje resolverão. Haja vista aos da «Literatura Oral», do Carnaval, das religiões «de terreiro», da Umbanda, dos Candomblés, dos Catimbós — serão folclore? (Já perguntava o saudoso mestre Édison Carneiro).

Assim, três ou quatro anos de estudos regulares não seriam demais.

Quanto à utilidade, é evidente, em face de tudo o que foi dito acima e dispensa comentários.

Da urgência e necessidade, cremos também ter dito o suficiente.

No mais, é aguardar a manifestação concreta das Autoridades do Ensino, e sem desconhecer que outros entendidos poderão manifestar ponto de vista contrário — pois até hoje existe certa incompreensão de parte de alguns entendidos e até catedráticos, para com a Ciência de AMBROSE MERTON, de ANDRÉ VARAGNAC, de SEBILLOT, de FÉLIX COLLUCCIO, de G. PITRÉ, de VAN GENNEP, de TEÓFILO BRAGA, de SÍLVIO ROMERO, de JOÃO RIBEIRO, de G. COCCHARA, de VIOLET ALFORD, de HOYOS SAINZ, de STITH TOMPSON, de MOLÍÑA TELLES, de CÂMARA CASCUDO, de JOAQUIM RIBEIRO, de MAYNARD ARAÚJO, etc. etc. — somos de opinião que uma Faculdade, nos moldes pretendidos pela FEMO viria trazer grande impulso e maior rigor e aprofundamento às pesquisas e estudos, teórico-práticos, e à formação de verdadeiros folcloristas. Tanto mais nos dias que correm, quando nos esforçamos por preservar a «memória nacional», que vive também no folclore do dia a dia, no folclore «emergente» como bem o disse o grande mestre RENATO ALMEIDA.

Sem contar com as possibilidades que se abririam para o campo das artes, do artesanato, dos estudos sociais, de modo direto ou

indireto e na função nacionalizante que o folclore sempre exerceu.

É O NOSSO PARECER.

Jundiaí, Estado de São Paulo,
22 de maio de 1978.

a) Antonio Adelino Brandão
(Membro Efetivo da Associação Brasileira de Folclore)

Guarujá, 12 de junho de 1978.

Excelentíssimo Senhor
Álvaro Cassiano Ayusso
DD. Prefeito Municipal de Olímpia

Senhor Prefeito,

Acuso o recebimento e agradeço o ofício de V. Exa., comunicando o projeto de criação da Faculdade de Folclore de Olímpia.

Como Presidente da Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá e, há longos anos, defensora entusiasta de nossa cultura popular, o meritório projeto de V. Exa. merece meu irrestrito apoio. Com efeito, o Folclore, matéria da qual tantos falam mas que tão poucos conhecem, está necessitando urgentemente de estabelecimento de ensino, em grau universitário, para um estudo realmente sério, objetivo e científico.

Está de parabéns V. Exa. e formulo os meus mais sinceros e candentes votos de êxito para esta iniciativa do mais alto interesse.

Queira receber, Senhor Prefeito, os protestos de minha mais elevada estima e apreço.

Atenciosamente,

a) Esther Sant'Anna de Almeida Karwinsky
Presidente da A. F. A. G.

Senhor Prefeito Municipal de
Olímpia, SP

Respeitosos cumprimentos,

Em meu nome e no do «Centro de Folclore de Piracicaba», que presido desde 30-05-1978, órgão considerado de Utilidade Pública, pelo governo do Estado de São Paulo, é que vimos apoiar totalmente a iniciativa de trazer-se àquela cidade uma Faculdade de Folclore.

Proposta que merece todos os aplausos e que vem atender as formulações dos decretos federal, estaduais e leis municipais, que cultivam a Cultura Popular, em agosto de cada ano.

Nada mais eficaz e útil do que se autorizar uma escola formadora de professores, que irão ministrar todas as tradições nacionais populares brasileiras.

Tal ação é nitidamente patriótica, corajosa, que deve ser amplamente divulgada por todos os meios de comunicações, para que o País se inteire dessa maravilhosa jornada.

Atenciosamente,

a) João Chiarini

- Professor de Folclore -

Piracicaba, SP em 15-05-1978

São Paulo, 16-5-78

Ilmo. Sr. Álvaro Cassiano Ayusso
Cordiais saudações

Recebi sua carta-ofício, pedindo minha opinião sobre as iniciativas para a instalação de uma Faculdade de Folclore em Olímpia. Em resposta, quero dizer-lhe que julgo muito oportuna a criação de um estabelecimento de nível superior destinado a formar especialistas em Folclore. A este respeito já me manifestei favorável e empenhadamente, há tempo, trocando idéias com folcloristas amigos.

Por outro lado, tenho acompanhado, durante anos, o grande interesse que essa cidade tem demonstrado pelo Folclore. Creio que Olímpia pode oferecer condições satisfatórias para a concretização de tal medida, em caráter pioneiro. Estamos necessitando de cursos mais amplos da Ciência em apreço, que transcendam à sua inclusão como disciplina curricular em Faculdades. O estudo do Folclore, nestes casos, embora forneça uma diretriz, é insuficiente para formar especialistas em nível superior.

Desejando pleno êxito aos responsáveis pela idéia da criação da Faculdade de Folclore, os cumprimentos de

a) Maria Amália Correa Giffoni

Titular da Universidade de São Paulo

ASSESSORIA DE ASSUNTOS CULTURAIS

Of. 035/AISM/IGF

Ao

Prof. José Sant'anna

Cx. Postal 60

15400 - OLÍMPIA - SP

Prezado Senhor:

Sabedora pelo Prof. Saul Martins da brilhante iniciativa tomada por Olímpia, que mais uma vez faz jus ao título da Capital do Folclore, venho em nome da Assessoria de Assuntos Culturais da Universidade Federal de Viçosa, cumprimentá-los pela idéia da criação do primeiro curso a ser implantado no Brasil, de Licenciatura em Folclore.

Como as boas idéias não podem ficar isoladas, estamos pensando em sugerir a criação de curso semelhante em Viçosa. Assim tomo a liberdade de pedir que nos envie maiores detalhes sobre o currículo mínimo, programa e objetivo das disciplinas constantes do referido curso.

Renovando nossos cumprimentos, solicitamos o obséquio de uma breve resposta.

Atenciosamente,

a) Alice Inês Silva Merheb



Dr. MAX FEFFER

O vereador JOSÉ SANT'ANNA, em 14 de abril de 1978, apresentou à CÂMARA MUNICIPAL, o projeto de decreto Legislativo concedendo ao Dr. MAX FEFFER, Secretário de Estado da Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado de São Paulo, o título de Cidadão Honorário Olimpiense. Após aprovação unânime pelo plenário, foi o mesmo transformado no Decreto Legislativo nº 77/78, de 16 de maio de 1978.

Trata-se de muito justa homenagem ao Dr. MAX FEFFER que, durante a permanência no elevado cargo, emprestou o mais decidido apoio e deu o maior estímulo para a realização de nossos festivais do FOLCLORE, tornando-se credor não só do nosso respeito como ainda da da nossa mais profunda gratidão.

PATRONO DO FESTIVAL

No intuito de despertar o interesse de todos para o conhecimento de mitos e lendas brasileiros, tornou-se tradição, em cada ano, por ocasião dos festivais do folclore nomear, por meio de decreto, quer um mito, quer uma lenda, como patrono.

No ano de 1978, a prefeito Municipal Álvaro Cassiano Ayusso baixou o decreto do teor seguinte, instituindo o orixá feminino Iemanjá, patrono do 14.º Festival do Folclore de OLÍMPIA.

DECRETO N.º 1216, DE 1.º DE AGOSTO DE 1978

- Dispõe sobre a Instituição do Patrono ao 14.º Festival do Folclore -

ÁLVARO CASSIANO AYUSSO, prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, etc., usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, e

Considerando que agosto é o mês do Folclore Nacional e nele se realiza em Olímpia um Festival que, no corrente exercício, está programado para o período de 13 a 20;

Considerando que os cultos umbandistas e afro-brasileiros em geral tiveram sua origem na África, com adaptações derivadas do ambiente brasileiro;

Considerando que algumas associações religiosas baseadas na fé umbandista e afro-brasileira têm origem no sincretismo e na simi-

litude de cultos da África antiga e do Brasil moderno;

Considerando que a arte, o símbolo, a fantasia e a religião despertam nas criaturas muitos sentimentos;

Considerando que alguns atos litúrgicos, bem como a ritualística, nas cerimônias de Umbanda e Candomblé respeitando-se as tradições, requerem interpretações hagiológicas, realizadas empiricamente através de muitas gerações;

Considerando que as raízes no nosso folclore, desde o período colonizador se assentam, principalmente, nas religiões resultantes do sincretismo e que a muitos interessam para a solução de problemas sentimentais, de saúde ou econômicos;

Considerando que aos orixás que constituem a teogonia afro da Umbanda e Candomblé, representados por imagens divinizadas ou não, são atribuídos poderes místicos;

Considerando que o nosso objetivo é colaborar com os estudiosos e pesquisadores dos orixás afro-brasileiros no plano folclórico-religioso, cuja base é o misticismo, devoção, contemplativismo e fé,

DECRETA:

ARTIGO 1.º — Fica instituído o orixá feminino Iemanjá, cultuado como divindade da água salgada e da água doce, como Patrono do 14.º Festival do Folclore, cabendo-lhe proteger os pescadores, os nadadores e as famílias de olimpienses e visitantes, no período de 13 a 20 de agosto de 1978.

ARTIGO 2.º — Este decreto vigorará de 13 a 20 de agosto do corrente ano, revogadas as disposições em contrário.

REGISTRE-SE E PUBLIQUE-SE.

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 1º de agosto, Mês do Folclore — de 1978

a) ÁLVARO CASSIANO AYUSSO
Prefeito Municipal

Registrado e publicado na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 1º de agosto 1978.

a) LÁZARO ROBERTO FERREIRA
Diretor Geral

PATRONO DO 14.º FESTIVAL DO FOLCLORE IEMANJÁ

Iemanjá é um orixá feminino, divindade da água salgada e da água doce. Seu fetiche é uma pedra ou uma concha marinha. Tem como símbolo leques, sabonetes, caixas de pó-de-arroz, vidros de perfume, pulseiras, colares e pentes.

Seu leque, chamado abebê, tem no

meio o recorte de uma sereia.

É considerada a Mãe D'Água. É a mãe de todos os orixás.

Está presente, em suas múltiplas formas, onde houver um pouco d'água, parada ou corrente, doce ou salgada.

Dona de muitas estórias, consegue grande número de lendas, muitos nomes líricos e poéticos, amáveis e até mesmo familiares.

Seus animais de sacrifício são pato, cabra e galinha. No culto de **omolocô** gosta de **ebó** de milho branco com azeite, sal e cebola.

A erva de Iemanjá é de florezinhas azuis chamadas «olhos-de-santa-luzia». Como fruta prefere o mamão.

Corresponde à Nossa Senhora no catolicismo. Seu dia é sábado. Sua data festiva é 8 de dezembro. Suas cores são o azul e o branco. É a Mãe, a Rainha dos Peixes. Dona das fontes, dos pequenos e grandes rios e dos pequenos e grandes lagos.

Do seu ventre, nasceu Iara, do nosso folclore, aquela que repete as tragédias das sereias oceânicas.

Recebe este orixá tantas amabilidades, tantas gentilezas, tantas homenagens, em troca de tão poucos pedidos.

Iemanjá tem muitos nomes: Sereia, Sereia do Mar, Sereia Mucunã ou Iacunã, Rainha do Mar, Rainha das Águas, Princesa de Aiucá ou Arucá (o mar), Princesa de Inaê, Princesa Janaína, Princesa do Mar, Senhora das Águas, Senhora do Mar, Senhora dos Sete Mares, Senhora Iemanjá, Mamãe Guiomar, Mamãe Iemanjá, Minha Madrinha, Minha Mãezinha, Dona do Mar, Dona Janaína, Deusa Janaína, Deusa do Mar, Grande Deusa, Grande Senhora, Santa do Mar, Caiala, Iara, Inaê, Janaína, Marabô, Oloxum (da terra), Oxum-Malê ou Dandalunda. Protetora de marinheiros, de pescadores e da família, trabalha exclusivamente para o bem.

Sua festa é uma das mais populares do Brasil. Os atabaques estão presentes e ouvem-se muitos «pontos» (curimbas) cantados por todos aqueles que amam, adoram e cultivam Iemanjá.

(Foi consultado «Iemanjá e Suas Lendas», de Zora A. O. Seijan — Gráfica Record Editora — 2.^a edição (1967) — Rio de Janeiro)



Orixá retrato pela menina Fernanda dos Santos Menino, de 5 anos, filha de Jesus dos Santos Menino e de Iraci de Jesus Menino, no dia 13 de agosto de 1978 — início do 14.^o FEFOL.

Louvor ao Folclore

Denominação de Vias Públicas

Em 3 de maio de 1977, pela Lei 1275, o prefeito Álvaro Cassiano Ayusso, denominava a Alameda «A» do Jardim Santa Ifigênia, bairro que conta com o maior número de grupos folclóricos, de **Avenida do Folclore**.

As placas foram colocadas nos pontos principais da Avenida em **22 de agosto** daquele ano como homenagem do Executivo ao **Dia do Folclore**.

No dia 22 de agosto deste ano o Prefeito baixará outro Decreto nos termos seguintes:

DECRETO N.º 1221, DE 22 DE AGOSTO DE 1978

- Dispõe sobre denominações de vias públicas -

ÁLVARO CASSIANO AYUSSO, Prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, etc., usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, e considerando que:

Quanto à existência de inúmeros grupos folclóricos em Olímpia e o festival que se realiza, anualmente, no mês de agosto, o folclore tem tido ampla divulgação não só entre as unidades federativas do país, mas até mais longe, fora mesmo de suas arrojadas balizas nacionais. É a razão por que Olímpia pode orgulhar-se mais do que nunca de ser a verdadeira Capital do Folclore. O folclore é, em sua essência, a sabedoria do povo, e sua importância não se condiciona somente ao estudo da cultu-

ra, mas serve também para despertar o amor às tradições e à compreensão da alma viva do povo.

Neste mês de agosto de 1978, o chefe do executivo olimpiense, no Dia do Folclore, com o objetivo de difundir alguns nomes de folguedos folclóricos brasileiros, resolve denominar as ruas projetadas no jardim São Francisco de Assis (localizado entre a Vila Miessa e a Avenida Dr. Ademar Pereira de Barros) com nomes de folguedos folclóricos de Olímpia e de outras localidades brasileiras que tenham participado, sistematicamente, do nosso Festival do Mês do Folclore.

Em Olímpia há cerca de trinta **Folias de Reis** que perfilham «à mineira» ou «à baiana», no ciclo das festas natalinas; dois grupos de **Folia do Divino Espírito Santo**, festa de Pentecostes; um **Terno de Congada** e um **Terno de Moçambique**, festa dos homens de cor, no mês de maio, e uma **Cavalhada**, espetáculo equestre sem época determinada.

Também, presentes em todos os festivais estão: **Caiapós** de São José do Rio Pardo-SP, de Cabo Verde e Campestre MG; **Reisado** (alagoano e sergipano), de Carapicuíba e Guarujá-SP e **Bumba-Meu-Boi**, de São Luís do Maranhão.

Com a divulgação dos nomes desses folguedos do Folclore Brasileiro, em vias públicas, cumpre Olímpia um dos aspectos do seu grande destino: o da preservação e incentivo da cultura popular,

DECRETA:

ARTIGO 1.º — Passam a denominar-se com nomes de folguedos folclóricos brasileiros as denominações provisórias de projeto do Jardim São Francisco de Assis, com as seguintes nomenclaturas:

- Rua A: Rua do Bumba-Meu-Boi;
- Rua B: Rua do Caiapó;
- Rua C: Rua da Cavalhada;
- Rua D: Rua da Congada;
- Rua E: Rua da Folia de Reis;
- Rua F: Rua da Folia do Divino;
- Rua G: Rua do Moçambique; e
- Rua H: Rua do Reisado.

ARTIGO 2.º — Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Registre-se e publique-se.

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 22 de agosto (Dia do Folclore) de 1978.

a) **ÁLVARO CASSIANO AYUSSO**
Prefeito Municipal

Registrado e publicado na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 22 de agosto de 1978.

a) **LÁZARO ROBERTO FERREIRA**
Diretor Geral

E assim, aplaudiu a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro - Ministério da Educação e Cultura:

Serviço Público Federal

OFÍCIO N.º 995

Em 06/11/78.

Do Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro
Ao Senhor Prefeito Municipal de Olímpia

Senhor Prefeito,

Congratulo-me com V. Excelência pela assinatura do Decreto n.º 1221, de 22 de agosto de 1978 - Dia do Folclore - que dispõe sobre a denominação de vias públicas e designa oito ruas com nomes de folguedos folclóricos.

Ao trabalho que vem sendo realizado em Olímpia pela promoção e divulgação do folclore foi acrescentado mais um item de grande significação.

Aproveito a oportunidade para expressar a Vossa Excelência os protestos de estima e elevada consideração,

Atenciosamente,

a) **Bráulio do Nascimento**
(Diretor-Executivo)

Exmo. Sr.
Álvaro Cassiano Auyssó
DD. Prefeito Municipal de Olímpia
Praça Rui Barbosa, 54
OLÍMPIA - SP

Calendário 1978

A Amazonas Produtos Para Calçados S.A., de Franca, SP, lançou para 1978 interessante calendário. Trata-se de criação e produção do Estúdio Amazonas, com fotos de Álvaro Bragio e Jorge's Stúdio, de São Paulo e coordenação e textos do prof. José Sant'anna.

As fotografias que nele aparecem da Folia de Reis de Bebedouro, da Congada de Olímpia, do Moçambique de Taubaté e do Reisado de Carapicuíba, foram colhidas no 13.º Festival de Folclore de Olímpia, no ano de 1977.

O CATAVENTO

É princípio universal da conservação da matéria: «Na natureza nada se perde e nada se cria, tudo se transforma». O CATAVENTO, como forma de energia, data de tempos imemoriais. E, também, como símbolo, já deve ter sido várias vezes usado. No entanto, a sua reativação, em termos nacionais, começou em fins de 1974 e se oficializou em 28 de junho de 1975, quando foi instituído, como símbolo oficial do Leonismo Brasileiro, representativo do tema objetivo AJUDE A AJUDAR.

Ele, porém, está intimamente ligado a Olímpia. E a razão é simples. No exercício leonístico 75/76, a presidência nacional do movimento leonístico no Brasil teve à sua frente um filho desta cidade, que o adotou, voltado principalmente para Olímpia, «capital do folclore», e, assim, distribuindo bons ventos para o Brasil. Daí a homenagem a Olímpia, terra mãe; daí a homenagem a sua realização maior, que é o folclore; e, daí a homenagem ao nosso povo, por um símbolo, o CATAVENTO, que diz muito e carinhosamente de suas raízes naturais, sinceras e efetivas.

O CATAVENTO, todavia, exprime, também, a energia primeira e espontânea. Estamos no apogeu da era tecnológica, não se falando quase mais na energia comum, e sim na das águas, na do sol, na atômica e até na nuclear. É o homem conquistando a natureza e se esquecendo do próprio homem. Entretanto, mesmo com esse esplendor tecnológico da operosidade e genialidade da ciência criadora, o homem **pode e deve** aperfeiçoar o próprio homem, que é o maior capital de giro de toda a humanidade. É só voltar-se à sua própria origem, tão comovedora e enternecedora, como um CATAVENTO, porque na simplicidade, na autenticidade e na lealdade a princípios, de consciência e de coração, incorporados à nossa atuação, está o segredo de nosso sucesso, que é também o de nossa família, o de nossa profissão, o de nossa cidade e o de nossa Pátria.

O CATAVENTO, dentro da filosofia do AJUDE A AJUDAR, tem quatro abas, representativas de nossa ação. A **aba amarela** mostra o sentido de família, uma vez que o ouro de nossa existência está, não nos bens materiais, mas em nosso lar sólida e cristãmente constituído e orientado; a **aba azul** corporifica a nossa atividade profissional, que deve ser exercida com absoluta noção no dever e com absoluta limpeza na honra, fazendo-nos andar de cabeça erguida e vendo, conseqüentemente, o firmamento no seu matiz fulgurante e deslumbrante; a **aba verde** traz a idéia da árvore viva da vida, que só se completa e se justifica, com as atividades comunitárias, em favor da promoção humana, pois que «quem não vive para servir, não serve para viver», ou, ainda, como quer Merton: «nós temos à medida que damos»; e, final-

mente, a **aba branca** nada mais representa que a soma das demais, como expressão argêntea e cristalina de paz, sobretudo, a de espírito, própria de quem vive para a família, para a profissão, para a comunidade, e, a final, para a Pátria. Estão aí, nas cores, a criatividade, a maturidade e a potencialidade de nossa atuação, que se transformam em riqueza social.

Que esse símbolo, cuja revigoração é de Olímpia, e, que hoje se derrama por toda uma Nação continente, num auge de civismo, num clímax de patriotismo e num zênite de brasilidade, ao ensejo da Semana da Pátria, possa produzir a energia necessária e indispensável ao posicionamento do homem responsávelmente livre e ao prevalectimento natural da Justiça.

Que ao transcurso da efeméride máxima de toda a nacionalidade, pela qual tantos sonharam, tantos trabalharam, tantos lutaram e tantos tombaram, em holocausto, ao porem fecundante de nossa mais pura e cara aspiração, a **Independência do Brasil**, desperte em nós, como nos precursores, entre os quais Tiradentes, e, como nos executores, entre os quais D. Pedro I, o sentimento de que estamos no limiar de uma nova revolução, não de armas nas mãos e de canhões nas ruas, mas de idéias, por meio da qual se realize e concretize: a globalização e a socialização do progresso, a disseminação e discriminação de riquezas e a difusão e expansão do alto e superior espírito brasileiro.

Façamos, pois, um compromisso comum: **no giro do catavento**, a energia da família, como o ouro real de nossa existência; **no giro do catavento**, a energia da profissão, como o céu azul de nossa atividade digna; **no giro do catavento**, a energia de nosso trabalho e vivência no agregado social, como o verde vivificante de nossa vida; **no giro do catavento**, a energia de nosso querido e estremecido País, que em sua alta destinação histórica tem uma tradição de paz, tão branca, como a nossa consciência de bons brasileiros; e, **no giro do catavento**, as cores de nossa Bandeira, projeção de um Brasil pujante e gigante, «que é feito por nós», para nós e para os nossos filhos!

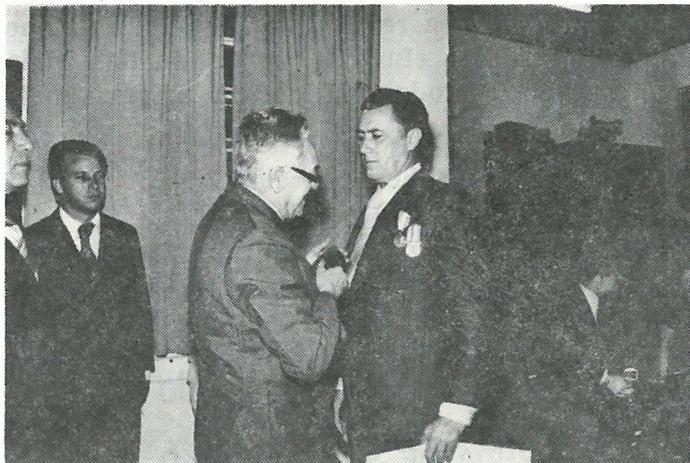
a) Edgar A. Piton

Lions Clube de Olímpia
Olímpia, em 7-IX-1977.

**Agraciados o prefeito Álvaro Cassiano
Ayusso e o Prof. José Sant'anna**

O Professor Dr. Bueno de Azevedo Filho, Presidente da Sociedade Brasileira de Educação e Integração, de São Paulo, convidou os consócios daquela prestigiosa entidade cultural, o Secretário Jorge Maluly Netto e o Deputado Ademar de Barros para que o acompanhassem

no ato solene da entrega das láureas ao prefeito **Álvaro Cassiano Ayusso** e ao folclorista **José Sant'anna**.



Outorga da Medalha a **Álvaro Cassiano Ayusso**

Inicialmente, o Deputado **Ademar de Barros** proferiu eloqüente saudação exaltando os méritos dos agraciados. Em seguida, o Professor **Dr. Bueno de Azevedo Filho** condecorou o Prefeito **Álvaro Cassiano Ayusso** com as medalhas: **Ana Néri** e a **Comemorativa do Bicentário do General Barão de Taquari** e o Professor **José Sant'anna** com a medalha **Ana Néri**, recebendo ainda ambos os respectivos diplomas. Em sua bela oração, explicou o **Dr. Bueno de Azevedo Filho** que a imortal heroína brasileira **Ana Néri** é a patrona da Sociedade (daí a existência da medalha) e agradeceu ao Prefeito **Álvaro Cassiano Ayusso** por ter dado a uma rua pública da cidade o nome do General **Barão de Taquari**, um dos maiores heróis da Guerra da Independência do Brasil, cujo bicentenário do nascimento foi solenemente comemorado pela Sociedade, no mês de abril do corrente ano, com repercussão nacional. A mesma denominação foi dada às ruas de outras cidades também, inclusive da capital de **São Paulo**.



Outorga da Medalha a **José Sant'anna**

O ato solene da entrega das medalhas que foi realizado, em 30 de outubro de 1977, na Câmara Municipal, contou a presença de autoridades estaduais e de inúmeros Municípios do Estado.

Além do **Dr. Ademar de Barros** e do Professor **Dr. Bueno de Azevedo Filho** falou, ainda,

o Deputado Federal **Dr. Jorge Maluly Netto** que também enalteceu as qualidades dos homenageados. Por último, usou da palavra o Prefeito **Álvaro Cassiano Ayusso**, em seu nome e no do Prof. **José Sant'anna**, e em discurso cheio de emoção agradeceu a homenagem.

Parecer Sobre Nosso Anuário

Belo Horizonte, 25-10-1977

Caro Colega e Amigo Prof. **José Sant'anna**,

Acuso o recebimento da Edição Especial do 13º Festival do Folclore de nossa querida **Olímpia**.

Cada ano melhor, parece-me que o infinito é a meta de perfeição de você e seus seguidores, na busca permanente de conhecer e registrar as manifestações de nosso povo.

Parabéns e bons votos de sucesso sempre crescente.

O abraço fraternal de

a) **Saul Martins**

A CAMPANHA DE DEFESA DO FOLCLORE BRASILEIRO, órgão do Ministério da Educação e Cultura, que sempre visou a preservação do nosso folclore, tem levado em alta conta, os Festivais do Folclore de **Olímpia**, como prova o patrocínio, em 1978, da Maratona Intelectual Folclórica, com a remessa de inúmeras publicações para serem oferecidas aos participantes daquele certame.

O Vereador **José Sant'anna** apresentou, em 1978, à Câmara Municipal e esta aprovou, um voto de agradecimento àquele órgão cultural, do M. E. C. Em resposta, através do ofício 945/78, de 4 de outubro, o Diretor-Executivo da Campanha assim se manifestou:

Do Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro

Ao Presidente da Câmara Municipal de **Olímpia**

Senhor Presidente,

Tenho o prazer de informar o recebimento do ofício 446/78 em que Vossa Excelência comunica o voto de agradecimento da Edilidade olimpiense à Campanha.

Cabe ressaltar mais uma vez o trabalho que vem sendo realizado em **Olímpia** referente à promoção de nossa cultura popular o que constitui uma colaboração de grande significado para o êxito da atuação desta Campanha.

Aproveito a oportunidade para renovar

a V. Exa. os protestos de estima e elevada consideração.

Cordialmente,

a) **Bráulio do Nascimento**
(Diretor-Executivo)

Exmo. Sr.
Prof. Erciley Parolim
DD. Presidente da Câmara Municipal de Olímpia
CÂMARA MUNICIPAL DE OLÍMPIA
SÃO PAULO - SP

O Deputado olimpiense Dr. Ademar de Barros apresentou à Assembléia Legislativa, o requerimento do teor seguinte:

REQUERIMENTO N.º 2128, DE 1977

Requeremos, nos termos regimentais, seja consignado na ata de nossos trabalhos um voto de congratulações com o povo de Olímpia pela realização do 13.º Festival do Folclore, nos dias 14 a 21 de agosto.

Requeremos, outrossim, que da manifestação desta Casa seja dada ciência ao Sr. Prefeito e demais autoridades do município.

Justificativa

Apaixonados, estudiosos, persistentes folcloristas contam, recontam e se lamentam: estão desaparecendo no país inteiro, centenas de importantes manifestações da cultura popular. E com a extinção de manifestações específicas como congadas, moçambiques, reisados e tantas outras, perde-se uma preciosa diversidade cultural.

As razões desse desaparecimento são muitas. Basicamente, mudou o modo de vida dos produtores de folclore. É a urbanização do campo e da cidade. Os próprios mestres de congadas ou reisados queixam-se, afirmando que o povo não dá valor às danças e prefere a tevê e o futebol.

Diante deste quadro, festivais como o de Olímpia adquirem uma importância, muitas vezes, não identificada por muitos. É realmente, uma atitude magnífica dos responsáveis por esta realização, pois, significa a preservação dos nossos traços culturais naquilo que possuem de mais autêntico: a manifestação espontânea de um povo.

A defesa do nosso folclore, amparada pelos nossos administradores, faz de Olímpia um centro de importância para a pesquisa e estudo da cultura popular. E cada vez mais, surge a necessidade de sentir a essência do saber do nosso homem simples.

Moçambiqueiros, congadeiros, foliões de Reis, dançadores de São Gonçalo, catireiros, banda de pífanos, etc., foram alguns personagens que puderam ser admirados pelos olimpienses e milhares de visitantes, que afluíram à cidade,

durante o 13º Festival do Folclore.

Dessa forma, não poderia esta casa deixar de congratular-se com o povo de Olímpia por esta magnífica realização, levando, em nome do povo paulista, efusivas congratulações pela participação de todos em prol da sobrevivência do nosso folclore.

Sala das Sessões, em 13-9-77

a) **Ademar de Barros**

Aconteceu no 14.º Festival do Folclore

RODA DE SÃO GONÇALO

Manifestação folclórica de caráter religioso, ainda bem viva no Estado da Bahia, especialmente nas cidades às margens do Rio São Francisco. Consta de uma devoção a São Gonçalo, santo português, devoção esta tradicional, inoculada em nossa terra, pelos portugueses, e, aqui a influência indígena e notadamente a africana, foi marcante.

São Gonçalo do Amarante, varão português, nasceu na aldeia de Arriconha - Portugal (1200 - 1259 ou 1262).

Em muitos rincões é festejado durante o mês de junho, mas o seu dia é 10 de janeiro. Contam que saía com sua viola, fazendo festas, a fim de livrar os homens e mulheres de pecados maiores. Daí a razão de o festejarem com Rodas e Sambas.

São Gonçalo de Amarante, era considerado em Portugal, na cidade de Amarante, como um santo casamenteiro e assim (também aqui no Brasil), aliás, assim o foi até ser substituído por Santo Antônio. A lenda diz-nos que São Gonçalo foi um eremita, e com o seu carisma invulgar, chegava a converter as «mulheres de vida livre», àquelas que só pensavam em se divertir, e chegava a dançar com elas alegremente, mas tendo nos sapatos, pregos que lhe feriam os pés, sofrendo em penitência, para a conversão das mundanas. Presumimos que não seja apenas uma lenda, pois a devoção a São Gonçalo continua viva, em forma de cantos, violas e sapateados. A crença popular, ligando o religioso ao profano, nos oferece assim uma manifestação folclórica de caráter religioso, que, em vez do extermínio nas cidades ribeirinhas da nossa região, a devoção a São Gonçalo cada dia toma mais feição e aficionados, principalmente na zona rural. A devoção ao Senhor São Gonçalo é expressar através de um ritual dançante cognominado «Roda de São Gonçalo». Quando desejamos alcançar uma graça, prometemos «Roda a São Gonçalo». O sertanejo vê-se atormentado pelas agruras da seca, promete a São Gonçalo, que após a vinda de chuvas, pagará sua promessa, fazendo «Rodas», que poderão ser em número de duas, três, seis, até vin-

te e quatro, conforme as posses do prometedor, do devoto.

«Rodas» — Ritual religioso e profano. Preces cantadas ao Senhor São Gonçalo, louvações em versos às vezes de conteúdo picante, hilariante, etc. Ao som das preces cantadas, passos de dança e rica coreografia as «Rodas» são dançadas seguindo um cronograma de coreografia a saber:

1 — Entram os dançarinos, no linguajar sertanejo, os «dançadores» em duas filas indianas e vão cantando e dançando, fazendo o Sinal da Cruz, indo até ao altar de São Gonçalo, para as homenagens.

2 — Dançam fazendo forte marcação com os pés, voltando de costas.

3 — Vão ao altar, dois a dois, e em reverência, fazem um encontro de pés. Primeiro com o pé direito, após com o esquerdo.

4- Meia lua inicial

5- Trancelim de roda.

6- Visita de pares

7- Trancelim de fileira

8- Vão até ao altar do Santo em duas filas indianas e fazem a reverência com o toque de ombros.

9- Roda viva - Formam uma grande roda, cada dançarino faz uma volta em torno do companheiro.

10- Da dança do Peru — Os homens iniciam dois a dois, ajoelhando-se aos pés do altar, trocando de lugares. «As dançadeiras», acompanham o seu guia, e este ao tocar bem forte no pandeiro, faz uma volta, e esta o segue.

11- Trancelim para terminar a Roda

12- Meia Lua final

Terminada a Roda, os guias e dançarinos dão vivas e fazem louvações ao Senhor São Gonçalo. Batem palmas e cantam em forma de «Samba de Véio» (manifestação folclórica das cidades do sertão baiano, notadamente ribeirinhas de São Francisco), a despedida:

Fica-te aí, ó latada (bis)

Até pro ano que vem. (bis)

Grande animação e a Roda está terminada.

«Latada» — Denomina-se «Latada», o local aonde a «Roda» será dançada. É formada por forquilhas, troncos leves, e coberta de palha de carnaúba, coqueiros, cana, etc. e atualmente alguns usam lona.

A latada é armada em frente à porta principal da casa, tendo em lugar de destaque um altar com jarros de flores e velas acesas.

Após o término de cada Roda, que deve constar das doze coreografias já mencionadas, é servida a bebida tradicional e obrigatória para a ocasião que é o aluá: refresco feito de fubá de milho em infusão em grandes potes de barro e adoçado com rapadura. É uma bebida deliciosa. No Ceará é preparado de maneira

diferente, porém, o paladar é o mesmo.

Além de aluá, é servido ensopado de carneiro, porco, bode assado, farofas, cocadas, bolos e cafezinhos. Há o grande almoço, jantar, se a roda ultrapassar às 18 horas. Bebida alcoólica é terminantemente proibida. Dançarinos: Guias, Contra Guias e Dançarinos. Instrumental: viola, violões e pandeiros tocados pelos guias.

RODA DE ARCOS — Em alguns distritos do Município de Juazeiro, dançam Roda de São Gonçalo, com arcos floridos, que realmente embelezam as evoluções da coreografia.

Particularidades: mulheres de «vida livre» não podem dançar.

As rodas de São Gonçalo devem ser dançadas de Segunda a Sábado. Jamais aos domingos.

Se alguém prometer Rodas e não as fizer, ao morrer, vem pedir a alguém que as realize. E estas são «Rodas de Obrigação» e deverão ser realizadas às segundas-feiras, Dia das Almas.

São Gonçalo do Poço - Como São Gonçalo era português, talvez tenha vivido também em Porto. Daí, vem a denominação de «São Gonçalo do Poço», deturpação da palavra Porto. Notamos que nos versos da Roda, as «dançadeiras» dizem, Porto, Poço, etc.

A imagem de São Gonçalo é representada por um homem vestindo túnica muito rica, um manto, um capuz caindo às costas. Traz consigo uma palma ou uma pena na mão e na outra, um livro. Outras vezes encontramos imagens de São Gonçalo com um Menino Jesus nos braços, porém, a mais tradicional imagem é a de São Gonçalo com a sua viola na mão.

RODA DE SÃO GONÇALO

Cantos

- | | |
|--------------------------------|-------|
| 1 - Nas horas de Deus, amém | (bis) |
| Padre, Filho, Espírito Santo | (bis) |
| Deixa-me benzer primeiro | (bis) |
| Para livrar de algum quebrante | (bis) |
| Deixa-me benzer primeiro | (bis) |
| Pra depois beijar o Santo. | |
| 2 - No altar de São Gonçalo. | (bis) |
| Tem duas velas acesas | (bis) |
| Uma é de quem lhe festeja | (bis) |
| Ó meu Senhor São Gonçalo | (bis) |
| Onde é vossa morada | (bis) |
| Eu moro é no Mourão, | (bis) |
| Na beirinha da estrada, | (bis) |
| Ora viva e viva, | (bis) |
| Viva São Gonçalo, viva. | |
| 3 - A chuva que vem do Norte | (bis) |
| De longe traz a zuada | (bis) |
| Vem acordando os devotos | |
| Do sono da madrugada. | |
| Ora viva e reviva | |

- 4 - Lá vem o carro cantando (bis)
Cheios de cravos e rosas (bis)
São Gonçalo vem no meio (bis)
Escolhendo a mais formosa. (bis)
Ora viva e reviva
Viva São Gonçalo, viva.
- 5 - O tocado da viola (bis)
Merece comer galinha (bis)
Os guias e as dançadeiras (bis)
Feijão preto sem farinha (bis)
- 6 - Ó meu Senhor São Gonçalo, (bis)
Casamenteiro das velhas (bis)
Por que não casar as moças (bis)
Que mal te fizeram elas (bis)
Ora viva e reviva.
- 7 - Me fizeram muito mal (bis)
Quebraram meu cajá de ouro (bis)
Ora viva e viva.
Ora viva e reviva.
- 8 - É primeira cantiga (bis)
Que São Gonçalo canta (bis)
Eu tracei o meu baralho (bis)
Pra jogar com Jesus Cristo (bis)
Ele ganhou a minha alma (bis)
E eu ganhei o Paraíso (bis)
Ora viva e reviva,
Viva São Gonçalo, viva
- 9 - Ó meu Deus que tanto cheiro (bis)
Nesta rua canela (bis)
E' meu Senhor São Gonçalo (bis)
Que vem passando nela.
Ora viva e viva
Ora viva e viva
- 10 - Minha gente venham ver (bis)
Alegria de dois Santos (bis)
São Gonçalo do Porto
Visitando o de Amarante.
- 11 - Ó que visita tão bela (bis)
Que retirada tão galante (bis)
São Gonçalo do Poço (bis)
Visitando o do Amarante (bis)
Ora viva e viva.
- 12 - São Gonçalo diz que tem sua casinha caída
Ele mora no Mourão.
Na beirada da estrada
Ora viva e viva.
- 13 - Meu São Gonçalo.
Casamenteiro das moças
Casai as minhas primeiro
Pra depois casar as outras
Ora viva e viva.
- 14 - São Gonçalo era alfaiate (bis)
Está com a tesoura na mão (bis)
E' para costurar o manto (bis)
Da Virgem da Conceição (bis)
Ora viva e viva.
- 15 - São Gonçalo era ourives (bis)
Fazei-me meu crucifixo (bis)
Para rezar aos pés de Cristo (bis)
Ora viva e viva
Viva São Gonçalo, viva.
- 16 - São Gonçalo disse ontem
Hoje tornou a dizer
Quem prometer festa a Ele
Cuide logo de fazer.
- 17 - São Gonçalo chegou ontem
Ninguém veio visitar
Quando cai em suas doenças
São Gonçalo venha cá.
- 18 - São Gonçalo do Amarante
Casamenteiro das velhas
Por que não casou as moças
Que mal te fizeram elas?
- 19 - Ó meu Senhor São Gonçalo
Dai-me o que vou lhe pedir
Marido com bem dinheiro
Pra toda festa eu ir.
- 20 - Ó meu Deus eu me espinhei
No espinho do limão
Não foi espinho, não foi nada
Foi maravilha do céu
Ora viva e reviva.
- 21 - Canta, canta dançadeiras
Que havemos de morrer
Nós não somos olhos de cana
Que morre e torna viver.
- 22 - São Gonçalo está com queixa
Do povo de Juazeiro
Que vieram aqui dançar
E estão é de brincadeira.
- 23 - São Gonçalo disse que é velho.
Foram olhar no cartório
São Gonçalo é menino
Menino de doze anos.
- 24 - Valha-me Deus que não posso
Cantar como já cantei
Bebi água no caminho
E até a fala mudei.
- 25 - São Gonçalo está com queixa
Do povo da Batateira
Porque vieram dançar
Sem guia e sem dançadeira.
- 26 - São Gonçalo disse ontem
Hoje tornou a dizer
Quem prometeu festa a Ele
Pague antes de morrer.
- 27 - São Gonçalo apareceu
Lá na praia, o sol posto
Com uma estrela na testa
Outra na maçã do rosto.
- 28 - Canta, canta dançadeiras
Com prazer e alegria
Vamos cantar São Gonçalo
Pra ele ser nosso guia.
- 29 - Ó que fita tão bonita
Traz os guias no chapéu
Não é fita não é nada
É maravilha do céu.
- 30 - O telhado desta casa
Uma delas tem virtude
Cheguei aqui doente
Já me acho com saúde.
- 31 - Lê, lê, lê, lê, lê, lê, lê
Lê, lê, lê, lê, lê, lê, lê
Agarra, agarra São Gonçalo
Pois ele é o Rei da glória.
- 32 - São Gonçalo está zangado
Com o povo de Batateira
Porque não trouxeram viola
Nem guia, nem dançadeira.
- 33 - Ó meu Senhor São Gonçalo
Dai-me um marido pro ano
Mais que seja bem mocinho
Menino de doze anos.
- 34 - Quem não dança e quem não canta
Que vieram aqui fazer
Se não der viva a São Gonçalo
Dor-de-dente te persiga.

- 35 - Quem não dança quem não canta
Que veio aqui buscar
Só veio comer arroz
E beber do aluá.
- 36 - Canta, canta minha gente
Que havemos de morrer,
Pois não somos Jesus Cristo
Que morreu e tornou a viver.
- 37 - Quem dança a São Gonçalo
Há de ter o pé ligeiro
Para depois não dizer
Que tem buracos no terreiro.
- 38 - Me fizeram tanto mal,
Me fizeram tanto mal
Roubaram meu crucifixo
São Gonçalo dai-me outro
Pra rezar aos pés de Cristo.

- 39 - Que bonita meia-lua
Que bonita meia-lua
Pra roda ser acabada
Pra roda ser acabada
Ora viva e reviva.
- 40 - Fica-te embora latada, (bis)
Fica-te embora latada (bis)
Até pro ano que vem, (bis)
Até pro ano que vem. (bis)
Viva São Gonçalo!

Dr. Orlando Pontes e Maria Izabel

Figueiredo Pontes

Juazeiro - BA -

FOLCLORISTAS

Inezita Barroso canta e o Brasil é a sua canção

A cantora Inezita Barroso, nascida no bairro da Barra Funda, na cidade de São Paulo, bairro pobre, mas alegre e cheio do colorido que até hoje lhe dão os imigrantes italianos, muito jovem ainda começou a estudar piano e canto. Depois apaixonou-se pelo violão e com ele foi conquistando pouco a pouco a cidade, depois o Estado e, em seguida, todo o Brasil. Agora começa a conquistar a América Latina e Europa, através de gravações e «tournées».

A cantora Inezita foi uma menininha nervosa, inquieta e mimada, um tanto ou quanto bonitinha. Na rua Conselheiro Brotero, em São Paulo, começou a cantar, dedilhando um violão que pertencia a uma de suas oito tias, todas musicistas. Participava de festinhas de família, desde os quatro anos de idade, dona de um ouvido prodigioso, uma facilidade espantosa para aprender as musiquinhas. Sua família, de 18 irmãos muito unidos e amantes de serões musicais, formava uma verdadeira orquestra que executava Nazareth, Joubert de Carvalho, Hekel Tavares, Zequinha de Abreu, Noel Rosa, Lamartine Babo.

PROGRIDE A MENINA INEZ

Inez Madalena Aranha de Lima, este o nome de solteira de Inezita Barroso, ingressou, muito cedo ainda, na escola de Mary Buarque, professora de canto e violão para crianças. Veio a época dos programas infantis da Rádio Cruzeiro do Sul, aos domingos, dos saraus em casas das famílias distintas e dos parentes. Atuavam com ela, entre outros, os famosos Trigêmeos Vocalistas. Em 1935, muito a contra-gosto, Inezita abandonou quase por completo a música, por culpa dos estudos, do ginásio, do balé e do piano. Mas ainda deu seus concertinhos nas garagens das casas de suas amiguinhas. Escreveu também algumas peças de teatro, em geral melodramáticas e pretensiosas. Em 1945 voltou definitivamente à música. Ensinando violão e canto, foi várias vezes às cidades do Interior de São Paulo, dando recitais, escrevendo peças, desenhando figurinos e fantasias, ensaiando coro. Eva Wilma, a bela «estrela» do cinema e da televisão, foi sua aluna.

SUA GRANDE ESTRÉIA

Em 1949 Inezita Barroso, já casada, deu seu primeiro e grande recital público no palco do Teatro Brasileiro de Comédia,

tendo obtido um consagrador sucesso que lhe abriu, definitivamente, as portas do êxito e da celebridade. Veio depois a experiência do cinema, quando a «Vera Cruz» iniciava, em grande estilo e vasta publicidade, a produção industrial de numerosos filmes de excelente padrão técnico e artístico. Alberto Cavalcanti, então chefe da produção dos estúdios de São Bernardo do Campo, gostou de Inezita Barroso e desejou dar-lhe o papel de protagonista de «O Irmão das Almas», que acabou não sendo filmado. Em 1951, novo recital no T.B.C., agora com um repertório mais sério, mais folclórico. Esta data inicia a interessante fase de pesquisas e divulgação do acervo musical folclórico do interior brasileiro, que a grande cantora percorreu metro a metro, recolhendo, gravando, anotando e perenizando. Pouco depois participou do elenco do filme «Ângela», cantando e representando. Em seguida, excursionou pelo Norte e Nordeste do Brasil. Voltando a São Paulo, ingressou no elenco-milionário da Rádio e Televisão Record, trabalhando nos filmes «É Proibido Beijar», «Mulher de Verdade» e alguns outros.

A FOLCLORISTA

Um aspecto pouco conhecido da famosa cantora paulista é sua constante preocupação pelo estudo do folclore musical brasileiro. Inezita Barroso, através de muitos anos de pesquisas e estudos, pode ser hoje considerada uma notável folclorista brasileira. Sua contribuição para o levantamento e difusão de um acervo riquíssimo da inventiva anônima de compositores, instrumentistas e cantadores do interior brasileiro é das mais notáveis. Inezita Barroso, aliás, pretende reunir seus estudos e suas impressões pessoais num livro que deverá ser editado pelo Instituto Nacional do Livro.

Sobre a qualidade mais expressiva da música brasileira diz Inezita:

— «Em primeiro lugar a extraordinária riqueza de ritmos e a originalidade de temas, tanto musicais como literários. Uma temática que alcança e interpreta um vasto setor da vida cotidiana nacional e popular, uma música facilmente assimilável e agradabilíssima para o intérprete, pois é sempre vibrante, calorosa e pura, renovando-se sempre.»

À pergunta «de que forma você se comunica melhor com o público?», a cantora responde:

— «Exatamente pela simplicidade da interpretação, obedecendo rigorosamente as particularidades da música das várias regiões do país. Um exemplo disso: meus discos, em que o violão e a melodia entram com sua forma primitiva, sem arranjos de orquestra ou truques de voz, são os mais aceitos, tanto no Brasil como no estrangeiro.»

Quanto à maior alegria de sua carreira artística, Inezita conta:

— «Minha maior alegria na carreira artística foi a receptividade do povo às minhas criações. Isto porque as músicas que interpreto pertencem a este mesmo povo. Por exemplo: estive, em 1950, numa fazenda em Mumbuca, no Interior paulista, com meu violão. No terceiro dia de minha estada, à noite, chegaram umas duzentas pessoas de caminhão, a pé, a cavalo, «pra vê a muié que canta e toca violão». Outra vez, quando fui visitar a cadeia de Guaranhuns, no interior de Pernambuco, um dos presos, que tinha rádio, reconheceu minha voz com sotaque paulista. Os presos pediram-me que cantasse. Cantei para eles durante horas. Alguns deles chararam. Eu também.»

É assim Inezita Barroso, criatura privilegiada, excepcional, dona de uma voz quente, forte, autêntica, nunca requintada, e que sugere cantando, a alma e o coração imenso e generoso do povo brasileiro. Inezita é um patrimônio, uma coisa nossa, que se deve cultivar carinhosamente, como a terra, a voz, a paisagem, as alegrias mais humanas, a esperança e o amor.

Discografia Folclórica de Inezita Barroso

Gravações em Discos Copacabana - São Paulo

I- Clássicos da Música Caipira

S C L P - 10 503

Lado 1

2- Vai Torna Vortá (cateretê)

Lado 2

8- Do Lado que o Vento Vai
(adaptado por Raul Torres)

II- Danças Gaúchas

S C L P - 10 569

Folclore Coreográfico recolhido por Barbosa Lessa e Paixão Cortes

Lado 1-

1- Levante Tirana do Lenço

2- Pezinho

3- Quero-Mana

4- Rancheira de Carreirinha

5- Chimarrita-Balão

Lado 2

6- Balaio

7- O Anu

8- Tatu

9- Maçanico

10- No Bom do Baile

III- Vamos Falar de Brasil

C L P - 11 016

Face A

2- Peixe Vivo (Minas Gerais)

3- Engenho Novo (Nordeste)

Face B

6- Moda da Pinga (Tietê S P)

IV- Inezita Apresenta

C L P - 11 029

Face A

1 - Rainha Ginga (adaptado)

2 - Cateretê

Face B

2 - O Batateiro (adaptado)

7 - Caboclo do Rio (adaptado)

V- Inezita Barroso

C L P - 11 231

Lado 2

8 - Maria Júlia (São Paulo)

VI- Recital

C L P - 11 271

Lado 1

4- Nhapopê

Lado 2

8- Temas de Capoeira

9- Prenda Minha

10- Caninha Verde

12- Taieiras

VII- Vamos Falar de Brasil, Novamente

C L P - 11 475 (1966)

Lado 1

3- Festa de Ogum (adaptada)

Lado 2

7- Soca Pilão (adaptado)

10- Piaba

11- Peixinho do Mar

VIII- Recital n.º 2

C L P - 11 560

Lado 1

1- Mestiça (adaptada)

IX- Modinhas

C L P - 11 613 (1970)

Lado 1

1- Foi Numa Noite Calmosa

2- Gondoleiro do Amor

4- A Casinha da Colina

5- Último Adeus de Amor

6- Nhapopê

Lado 2

7- Róseas Flores da Alvorada

9- Coração Perdido

11- Hei de Amar-te Até Morrer

X - Clássicos da Música Caipira n.º 2

C L P - 11 682 (1972)

Lado 1

3 O Amor é Firme

XI- Inezita Em Todos Os Cantos

C O L P - 12 016 (1975)

Lado 1

1- Pontos de Ogum (Bahia)

2- Rosa (Mato Grosso)

3- Seleção de Sambas (Rio de Janeiro)

4- Temas de Cururu (São Paulo)

5- Seleção de Maracatus (Pernambuco)

6- É a ti, Flor do Céu (Minas Gerais)

Lado 2

1- Divisão do Boi (Nordeste)

3- Capoeira da Salomão (Bahia)

4- Marabá (Pará)

5- Vô Deitá no Colo Dela (Minas Gerais)

6- Asa Branca (semifolclórica)

XII - Modas e Canções

S O L P - 40 565 (1975)

Lado 1

5- Prenda Minha (gaúcha)

Lado 2

4- Meu Limão, Meu Limoeiro

XIII - Jóias da Música Sertanela

S O L P - 40 831 (1978)

Lado A

3- Azul Cor de Anil
(recolhida por Arlindo Santana)

6- Que Linda Morena!
(recolhida por Raul Torres)

QUADRILHA JUNINA
DISTRITO DE RIBEIRO DOS SANTOS - MUNICÍPIO DE OLÍMPIA
FOTO COLHIDA NO 139 FEFOL, EM 21/8/1977
MARCADOR: JOAQUIM RIBEIRO DE SÁ

QUADRILHA é dança característica das festas juninas: Santo Antônio, São João e São Pedro. Nasceu em Paris no século XVIII. Era dança da aristocracia e dava abertura aos bailes das cortes européias. Veio para o Brasil no século XIX, na época da Regência. Galgou prestígio na sociedade brasileira e iniciava a seqüência das danças dos salões da época imperial, época em que a elite do Brasil estava voltada para a Europa, sobretudo para a França. Por esta razão a **Quadrilha** tornou-se dança preferida, conservando, até nossos dias, a "marcação" em francês, com profundas deturpações fonéticas.

No Brasil, o povo carioca a popularizou, folclorizando-a, rapidamente. Dos salões nobres, foi levada às fazendas. Hoje é dança brasileira das pessoas das cidades e dos campos também, não deixando de ser preferida nesse pedacinho de chão paulista: Ribeiro dos Santos.

O padroeiro de Ribeiro dos Santos é Santo Antônio e o de Olímpia, São João. Os dois são Santos de muita popularidade; o primeiro, casamenteiro por excelência; o segundo, protetor da colheita dos produtos agrícolas.

A dança principal das festas dedicadas a estes Santos, é sem dúvida, a **Quadrilha**.

Quanto à convivência social dos habitantes de Ribeiro dos Santos, é este um fato que nos surpreende agradavelmente. Distante a 18 quilômetros de Olímpia, encontram-se os costumes, a amabilidade e o bom gosto das brilhantes festas populares.

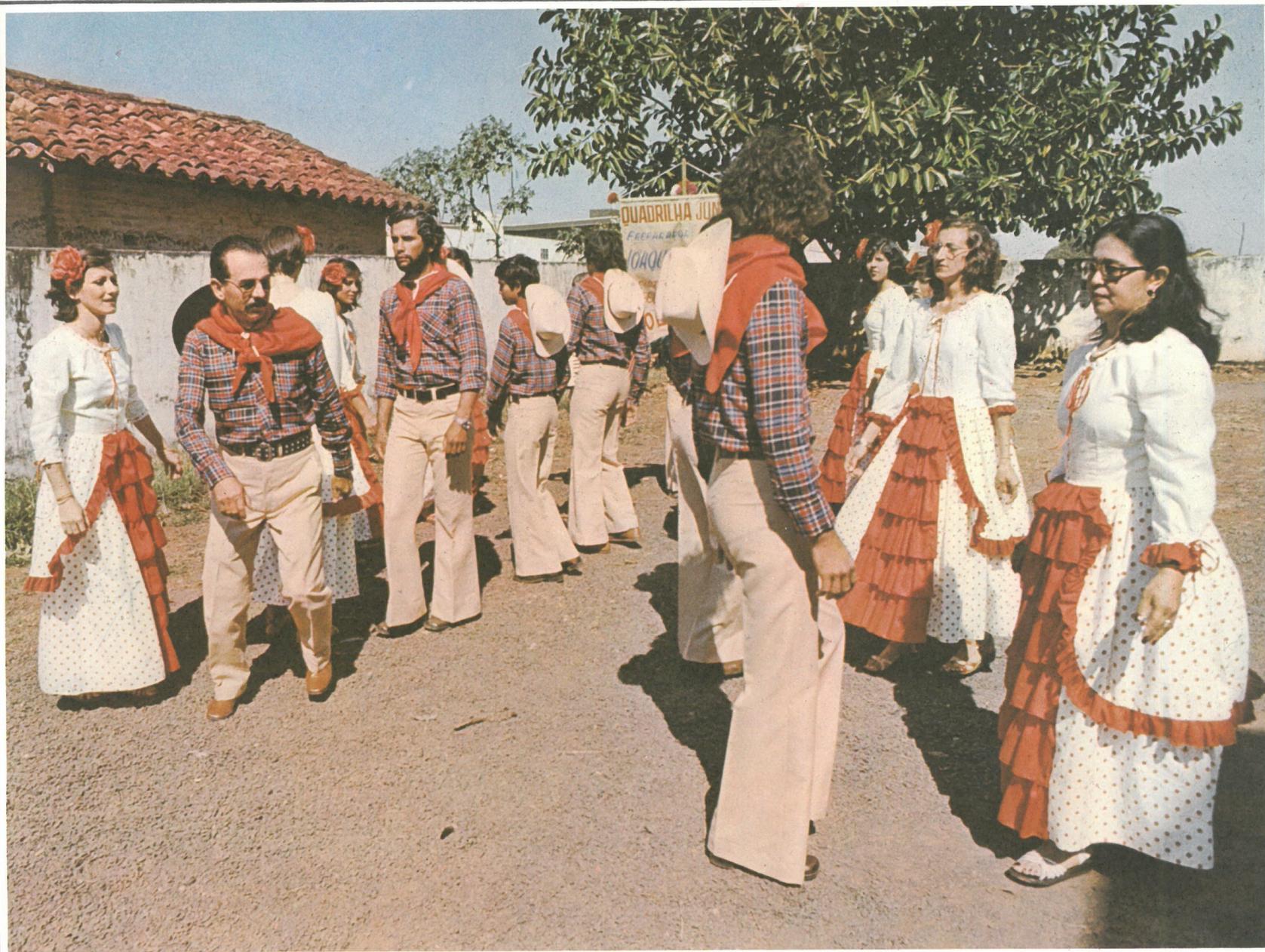
Da **Quadrilha Junina**, fazem parte algumas pessoas, cavalheiros e damas, que em pares, nos terreiros, tablados ou salões, dançam ao som de sanfona, violão e pandeiro, interpretando cantigas alegres e outras particularidades que não são sem interesse para a história dos costumes populares.

Joaquim Ribeiro de Sá, tradicional dançador, excelente animador de festas, nosso compadre, por juramento, ao pularmos uma fogueira de São João, em 1960, em sua propriedade rural de Ribeiro dos Santos, sempre foi o responsável pela existência dessa **Quadrilha Junina**, sendo seu insubstituível marcador. Nascido em 16 de maio de 1929, em sua vida de absorventes problemas foi uma criatura de muitas alegrias. Festeiro de Santos Reis, Santo Antônio, São João, dançava e dirigia grupos de dançadores de Catira, Lundu, Vilão e Quadrilha, espalhando a alegria por onde passava. E assim agiu e reagiu até o dia 24 de fevereiro deste ano, quando foi chamado para atender aos desígnios do Criador.

Ao descrevermos, ligeiramente, sobre a **Quadrilha** retratada na foto, focalizando a figura de seu principal dançador, o Joaquim Ribeiro, nosso interesse cifra-se, neste momento, ao encarmos o flagrante fotográfico, que os dançadores, especialmente trajados, nunca deturparam nem ironizaram nosso caipira, tão ridicularizado em outros grupos.

Ribeiro dos Santos, mimosa filha de Olímpia, perde um dos principais dançadores, que em vida deu-lhe a condição de centro de brilhantes manifestações folclóricas.

José Sant'anna



Máscaras de Palhaços – Folias de Reis



ARTES GRÁFICAS RIO PRETO - FONES 32.4078 - 32.4286 - 31.1445 - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - SP

As Folias de Reis, também conhecidas por Companhias de Santos Reis se caracterizam pela presença de **palhaços** (mascarados, marungos ou bastiões) que têm sua origem em muitas estórias. Como parte da vestimenta dos palhaços existe a **Máscara** (ou capacete) enfeitada de fitas e flores diversas, que a tornam muito bonita, pela policromia, apesar do grande temor que imprime à criançada. A máscara oculta a fisionomia do palhaço e o desinibe para melhor gracejo, na Folia. Há máscara de todos os tipos: de bucha, de couro (cabrito, boi ou carneiro), de pano, de borracha, de tela (arame ou "nylon") ou de gesso, com barba de pelego de lã de carneiro ou de pele de coelho. São confeccionadas pelos próprios palhaços, por um folião ou alguma pessoa de sua família.

Em Olímpia há mais de trinta Folias de Reis que perfilham à "mineira" ou à "baiana", devendo-se registrar que alguns grupos rejeitam a presença dos palhaços. Entre os cromos, selecionados para a ilustração desta capa, estão as máscaras das Folias de Reis: **Miranda, Batista, Santos, Carvalho** (Vila São José); **Fernandes, Garcia, Paula, Cardoso** (Jardim Paulista); **Santos I, Santos II**, (Jardim Santa Ifigênia); **Coutinho, Tomás** (Bairro de Bagaçu); **Gomes** (Bairro da Água Parada); **Gomes** (Bairro do Limoeiro); **Rocha** (Vila Santa Teresinha); **Viaro** (Vila Cisoto); **Macedo** (Fazenda Cachoeirinha); **Menezes, Ribeiro** (Distrito de Ribeiro dos Santos).

Com a presença destas Companhias de Reis, "Olímpia preserva, para a pátria comum, o germe da cultura popular, inocente flor que, teimosamente, sobrevive nas estéreis ranhuras do progresso".